



CATÓLICA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO

PEDAGOGIA DA HOSPITALIDADE E *ETHOS* DOCENTE
UM ESTUDO SOBRE NARRATIVAS DE PROFESSORES(AS)

**Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau
de Mestre em Ciências da Educação**

Especialização em Pedagogia Social

Tamíris de Lima Pereira

Porto, Outubro de 2021



CATÓLICA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO

PEDAGOGIA DA HOSPITALIDADE E *ETHOS* DOCENTE
UM ESTUDO SOBRE NARRATIVAS DE PROFESSORES(AS)

**Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau
de Mestre em Ciências da Educação**

Especialização em Pedagogia Social

Tamíris de Lima Pereira

Trabalho efetuado sob a orientação da Prof^ª Dr^ª

Isabel Baptista

e coorientação da Prof^ª Dr^ª

Roberta Sogayar

Porto, Outubro de 2021

O menino que carregava água na peneira

*Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.*

*A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.*

*A mãe disse que era o mesmo
que catar espinhos na água.
O mesmo que criar peixes no bolso.*

*O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces
de uma casa sobre orvalhos.*

*A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falava que vazios são maiores e até infinitos.*

*Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.*

*Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.*

*No escrever o menino viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.*

*O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.*

*Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.*

*A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.*

*Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!*

Agradecimentos

Assim, como o poema de Manuel de Barros, o trabalho de investigação é fruto das minhas “peraltagens”, de acreditar que poderia carregar água na peneira. Não foi uma trajetória fácil porque tive que aprender a ressignificar o olhar de dentro para fora e a recriar. Isto porque...

Existiram pessoas que mostram que na vida por mais difícil que seja a caminhada o importante é dar o primeiro passo. Que só conseguimos lutar, perseverar e vencer se tivermos sonho e coragem, porque com eles(as) qualquer caminho consegue ser trilhado. Este trabalho não existiria se não tivesse o incentivo, apoio de muitos que passaram nessa jornada. Essa história é permeada pela força e dedicação das mãos que me seguraram, porque investigar é um processo solitário, desafiador e por vezes incerto.

Existiu uma pessoa que me fez acreditar assim como a mãe do menino do poema de Manuel de Barros na importância das minhas histórias, que me motivava em dias tristes quando a saudade da família batia, que abraçou a luta por uma educação inclusiva e acolhedora e que acima de tudo me ensinou o quanto devemos ser gratos(as) pelas nossas conquistas e oportunidades. Agradeço ao meu marido André Luiz Correia Mendes pelas trocas, conversas, palavras, escutas e pelo incentivo nos momentos nebulosos.

Existiram pessoas que me incentivaram, que acreditaram e compartilharam comigo essa caminhada sem questionamentos, entendendo as minhas ausências, me apoiando nos momentos difíceis quando a saudade da família apertava e que acima de tudo fizeram o impossível para que meu sonho se tornasse realidade. Esse que não foi nada fácil, devido a distância, a saudade, a incerteza, as perdas, a pandemia, o coração apertado por estar ausente em tantos momentos... Assim, agradeço a minha mãe, Maria do Socorro de Lima Pereira, a meu pai, Alberto José da Silva Pereira, a minha irmã, Taísa de Lima Pereira e a minha sogra, Sandra Barros Correia.

Existiram pessoas que acreditaram na minha inquietude e viajaram comigo, que com suas palavras conseguiram modificar um dia, que nos tocam com a beleza de simples gestos, que nos mostram que a vida pode ser poesia e ter flores pelo caminho, que nossa jornada pode ter compromisso, mas pode ser leve como uma pluma e que se trabalharmos juntos somos mais fortes. Assim, agradeço a Professora Doutora Isabel

Baptista e a Professora Doutora Roberta Sogayar pelo segurar nas mãos, por sonharem junto comigo, por acreditarem nas minhas utopias e por todo afeto e cuidado.

Existiram pessoas que somaram, ajudaram e mostraram que não precisamos estar perto para sermos irmãos e compartilharmos afeto e cuidado. Gauss Boaid agradeço por toda atenção, alegria e prontidão. Esse trabalho possui uma grande contribuição sua.

Existiram pessoas que me ajudaram a crescer e a “florescer” mostrando a beleza da transformação. Que podemos acreditar na educação e sobretudo no seu papel acolhedor e na sua (re)invenção. Sendo assim, agradeço ao professor Doutor Joaquim Azevedo e as professoras Doutoradas Cristina Palmeirão, Marisa Carvalho e Diana Soares por acreditarem em uma educação emancipadora.

Existiram pessoas que ajudaram a escrever a história do meu futuro. Sendo assim, agradeço às Professoras Ana Camões e Renata Machado pelo empenho na arte de educar.

Existiram pessoas que somaram, que lutaram pelos mesmos ideais, claro que cada um a sua maneira e que compartilharam abraços. Por isso, agradeço ao colega Antônio Rodrigues e as colegas dessa incrível caminhada: Cristiane Fiorentini, Isabel Sousa, Licínia Moreira, Maria Gabriel Regalado, Patricia Giesen e Renata Miranda.

Existiram pessoas que acreditaram na potencialidade e no poder da educação como um processo de transformação, de afetividade e de acolhimento. O trabalho de investigação nasceu pela disponibilidade de docentes que aceitaram doar suas vozes para que a relação pedagógica fosse diferente compartilhando sonhos, histórias e memórias. Em um momento tão delicado enfrentado pela humanidade recebi prontidão, carinho, atenção e afetividade corroborando que a hospitalidade é uma categoria relacional. Assim, agradeço a todos(as) participantes da pesquisa que abriram suas salas e corações por meio das suas narrativas.

Existem instituições que acolhem e são abrigo aos(as) alunos(as), por transformarem o seu espaço em uma morada com carinho e atenção. Por isso, agradeço a Universidade Católica Portuguesa – Porto pelo incentivo durante a minha caminhada. Em especial a Dr^a Joana Xavier pela sua atenção e prontidão e a Maria Luísa Barbosa pelo cuidado e por ter permitido o sonho se tornar realidade juntamente com a Direção-Geral do Ensino Superior.

Resumo

O presente trabalho corresponde ao relatório final de uma investigação inserida no Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Pedagogia Social, da Universidade Católica Portuguesa e intitula-se “Pedagogia da Hospitalidade e *ethos* docente: um estudo sobre as narrativas de professores(as)”. Com o objetivo de identificar traços de uma Pedagogia da Hospitalidade no âmbito da profissionalidade docente, a investigação assumiu como recurso metodológico um conjunto de narrativas produzidas por um grupo de docentes oriundos de diferentes Estados do Brasil, com formações diversas, que aceitaram narrar sobre suas práticas profissionais e assim resgatar suas lembranças de quando aluno(a). O estudo permitiu concluir sobre a importância de novos caminhos pedagógicos marcados pela proximidade, pela atenção, pelo cuidado, pelo afeto e pela percepção do outro acreditando que educar é intervir no desenvolvimento humano onde o papel docente é permeado pela responsabilidade ética e pela mediação.

Palavras-chave

Pedagogia Social, Pedagogia da Hospitalidade, *Ethos* Docente, Narrativas de professores(as), Práticas de Relação.

Abstract

The present work corresponds to a final report of an investigation inserted into a Master's thesis in Science of Education, specialized in Social Pedagogy, at the Portuguese Catholic University titled "*Pedagogy of Hospitality and Teacher's Ethos: a study about the teachers' narrative*". With the intent of tracing a Pedagogy of Hospitality in the scope of professional teachers, the investigation uses methodological resources in conjunction with the narratives produced by a group of teachers from different states in Brazil. All from diverse specializations, the teachers' narrated their own professional practices and recounted their memories as students, helping to conclude the importance of new pedagogical practices that include proximity, attention, care, and affection. This pedagogy takes into consideration others perspectives, believing that to educate is to intervene in human development, and the teachers role is permeated by responsibility, ethics and mediation.

Keywords

Social Pedagogy, Pedagogy of Hospitality, Teacher's *Ethos*, Teachers' narratives, Relationship Practices.

Índice

Índice de Figuras.....	10
Índice de Tabelas/Gráficos.....	11
Siglário	12
Introdução.....	13
1ª Parte – Enquadramento Teórico: <i>Caminhos de Encontro</i>.....	17
Introdução.....	17
Capítulo 1 – Educação e Desenvolvimento Humano.....	19
1.1) Metas de Desenvolvimento Humano no Século XXI.....	19
1.2) Educação e Sociedade Educativa	21
1.3) Cultura Escolar e Pedagogia Social.....	24
Capítulo 2 – Hospitalidade e Temporalidade Humana.....	28
2.1) Hospitalidade como categoria relacional.....	28
2.2) Dimensões da Hospitalidade Prática	31
2.3) Hospitalidade e Intencionalidade Pedagógica.....	33
Capítulo 3 – Pedagogia da Hospitalidade e <i>Ethos</i> Docente	37
3.1) Pedagogia da Hospitalidade como arte do encontro.....	37
3.2) A docência como experiência de acolhimento.....	40
3.3) Lugares de memórias – desafios de <i>ethos</i> docente	42
Conclusão	45
2ª Parte – Estudo Empírico: <i>Narrativas Docentes</i>	47
Introdução.....	47
Capítulo 1 – Justificação da opção metodológica	49
1.1) Questões e Objetivos de Investigação.....	49
1.2) Estratégia de Desenvolvimento	49
1.3) Estratégia de apresentação e discussão de dados.....	53
Capítulo 2 - Contextualização de Pesquisa	56

2.1) Contexto da pesquisa: Brasil.....	56
2.2) Caracterização dos(as) participantes.....	59
Capítulo 3 – Pedagogia da Hospitalidade e <i>ethos</i> docente.....	62
3.1) Pedagogia como arte do encontro ou arte da hospitalidade	62
3.2) Dimensão ética da profissionalidade associada às práticas de hospitalidade	67
Conclusão	87
Considerações Finais.....	89
Bibliografia	93
Anexos	103

Índice de Figuras

Figura 1 – Mapa do Brasil	56
Figura 2 – Nuvem de palavras sobre a memória docente em seu processo escolar	69
Figura 3 – Nuvem de palavras sobre a lembrança de um(a) aluno(a).....	75
Figura 4 – Valores do(a) profissional do humano	85

Índice de Tabelas/Gráficos

Quadro 1 – Caracterização dos(as) participantes	60
Quadro 2 – Caracterização do tempo de docência e da Etapa da Educação Básica que os(as) docentes atuam.....	60
Quadro 3 - Caracterização da formação dos(as) participantes.....	61

Siglário

CNE - Conselho Nacional de Educação

FALE/UNIRIO - Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

NE - Narrativas Escritas

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB - Produto Interno Bruto

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Introdução

O presente trabalho corresponde a uma dissertação acadêmica intitulada “*Pedagogia da Hospitalidade e ethos docente: um estudo sobre narrativas de professores(as)*” e foi, elaborada no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação na especialização em, Pedagogia Social, pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa – Porto.

A investigação parte das minhas convicções profissionais e pessoais sobre um educar pautado na ética e no respeito pela pessoa humana, que foram importantes para a construção da pedagoga que sou hoje. Alicerçada na convicção acerca da educação como um direito humano e na importância de construção de laços afetivos e acolhedores, começo por recorrer às minhas memórias escolares, enquanto lugar de inclusão, de interpelação social e de proximidade, como motivação para entender, conhecer e reconhecer a missão de educar e da responsabilidade do desenvolvimento de autonomia, de presença e de participação dada a um professor.

Nesse movimento, penso em minha infância, diante da dedicação de minha mãe em ensinar e mostrar a beleza da educação mesmo tendo estudado tão pouco. Lembro de seu olhar acolhedor e cheio de carinho ao explicar cada lição e da motivação em demonstrar com materiais encontrados em nossa casa como poderia chegar, por exemplo, ao resultado de um problema de matemática. Meu pai me incentivou a voar, com ele meu lado escritora e arquiteta ganhou vida. Inventávamos milhares de histórias e em alguns casos conseguia as tornar reais com as “engenhocas” que criávamos.

No processo de *ensinoaprendizagem*¹ encontrei além do longo sorriso e carinho dos meus pais a dedicação de professores(as) que acreditavam no poder do acolhimento e outros que pouco interagiam ou davam feedback. Reviver as imagens dos meus(minhas) professores(as) é um misto de sentimentos, porque sou fruto de uma educação tradicional, estudando inclusive em colégio religioso, onde nas datas comemorativas íamos as missas e tínhamos na grade curricular a disciplina religião.

¹ Ao juntar termos separados criamos palavras que não sejam dicotômicas. Esta é uma opção *teóricopolíticometodológica*, no campo de estudo nos/dos/com os cotidianos. O objetivo é mostrar que essas oposições podem se mostrar limitantes.

A fala de alguns(algumas) professores(as) e a forma como trabalhavam colaborativamente, desconstruindo em aula² a ideia da instituição e seu modelo de educação onde o(a) professor(a) é o centro, me fez acreditar em práticas que enxergam as potencialidades e singularidades dos(as) alunos(as). E desejei trabalhar como professora, para compreender um pouco mais sobre o processo de *ensinoaprendizagem*, o desenvolvimento humano e o papel do(a) professor(a), buscando perceber e aprofundar a minha própria prática pedagógica.

Em 2007 ingressei, então, no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), nesse período direcionei o meu foco para responder as perguntas que me fizeram chegar até ali. Sendo assim, fui convidada a trabalhar em dois grupos de pesquisa: o primeiro consistia em atendimentos psicopedagógicos de crianças com necessidades educacionais especiais visando ajudar no desempenho escolar e o segundo, no campo da ciência e da alfabetização nos cotidianos escolares, o que desestabilizou as minhas crenças³.

A partir dessa inserção, pude me aproximar e vivenciar as práticas do *Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita* (FALE/UNIRIO)⁴, coordenado pela Prof^a Dr^a Carmen Sanches Sampaio, onde professores(as) alfabetizadores narram suas práticas. As histórias me deram pistas para entender as relações de aprendizagem plural vivenciadas nas escolas e no exemplo de práticas pedagógicas que estimulam a curiosidade, o desejo e fala dos alunos como coautores do trabalho cotidiano de sala de aula.

Enfim, fui alimentada pelas narrativas e pela forma como o ensino se debruçava. Compreendi que a nossa formação é fruto das memórias, da experiência, do valor da escola e no compromisso assumido pelo(a) professor(a) em sua tarefa de educar e incluir. Ou seja, do valor de apoiar, de acolher, de hospedar, de incentivar e de ensinar a ler o mundo e os mundos que nos habitam.

Depois dessa vivência e leitura, certamente que perguntas iniciais que me habitavam e motivaram a fazer a graduação foram respondidas e ganharam novos questionamentos e

² Assumo a aula como acontecimento (Freitas, Teno & Barboza, 2016), palco central de referência do professor e um espaço atuante em diferentes perspectivas de educação, formais e não formais.

³ O projeto de pesquisa coordenado pelo prof. Dr. Celso Sánchez Pereira intitulado “Que bicho é Esse? Uma leitura do ensino de ciências nas práticas alfabetizadoras” estava articulado com o Fórum de Alfabetização e Escrita (FALE/UNIRIO).

⁴ Nesse espaço, professores do ensino fundamental e seus alunos comungam experiências, em uma relação dialógica com os docentes e discentes da comunidade acadêmica.

conflitos relacionados a hierarquia construída dentro das aulas, no incluir, nos sentimentos e nas percepções, na ética e na intencionalidade das nossas ações, enquanto docente.

Talvez desse fato, nasça a importância de narrar, perguntar, pensar e legitimar uma atuação docente que perceba a aprendizagem em uma perspectiva da própria vida. Ou seja, “a escola, como instituição inserida numa comunidade, desempenha um papel em todo processo de formação de cidadãos, ajudando a torná-los aptos para viver numa sociedade da informação e do conhecimento em constante mutação” (Cachada & Costa, 2007, p.42).

Busco, com o trabalho de dissertação ir de encontro a ideia de inclusão onde o ensino assume como opção metodológica, ideológica e ética, a proximidade e o encontro a três – o eu, o tu e o nós. Pensar nessa relação e no caminhar que construímos juntos são os elementos motivadores para a construção do tema dessa pesquisa. Neste contexto, recorro a Pedagogia Social por permitir intervir no humano para além dos muros da escola, desenvolvendo um amplo olhar que seja mais acolhedor, integral e potencializador de qualidades e não “defeitos” sob o outro.

As palavras, nesse sentido, de Tiago Ribeiro da Silva (2014) me desafiam “se para pensar o mundo é preciso mergulhar nele, para se pensar a educação também é preciso vivê-la” (p.21). Sendo assim, a prática docente deve ser problematizada, refletida e analisada para a criação de laços hospitaleiros e instrumentos que suportem um olhar atento e acolhedor do(a) professor(a).

Essa lógica tem atravessado novas formas de agir, da interação e do comportamento do(a) professor(a) em aula. Onde a escola assume uma responsabilidade social e o repensa o papel dos seus atores dentro da comunidade escolar. Ao apoiar esse tipo de educação encontramos e tocamos na ancoragem da hospitalidade e da relação humana.

No entanto, ao nos depararmos com profissionais que incentivam seus(uas) alunos(as) são criadas experiências ricas de significados. Mas, o contrário permite o desencadear de vivências desumanas, indignas e sem trocas. São relacionamentos segundo Darci Kops (2011), instantâneos iguais a um “miojo” que duram poucos minutos e está pronto. O desrespeito a liberdade, a emancipação e as diferentes experiências pedagógicas ainda se fazem presentes em algumas salas, na qual a aprendizagem é linear.

O desejo é pensar a partir do cotidiano escolar e do vivenciado por mim enquanto professora e iniciadora científica a possibilidade de buscar práticas dialógicas e a criar

questionamentos. No processo de pesquisar, me coloco perguntas como: Na centralidade da figura do professor dentro de sala, qual é o papel do outro no processo educativo? Quais são as “barreiras” presentes em sala? Qual o “lugar” que o outro ocupa no processo educativo? Como a Pedagogia Social atrelada à cultura escolar intervém na diferença e na proximidade dentro dos espaços escolares? Como criar espaços de alteridade, enquanto prática de relação e desenvolvimento humano? Em que medida a memória escolar atua na vivência dos(as) professores(as) em suas salas? Qual é a importância da construção do *ethos* no discurso docente? A prática pedagógica como prática da hospitalidade assume qual função no desenvolvimento humano?

Esse conjunto de interrogações convergiram para as questões de pesquisa, sobre a relação entre “Pedagogia da Hospitalidade e *ethos* docente”, e no seu desdobramento em dois grandes objetivos de estudo: Em que medida os(as) professores reconhecem a Pedagogia como arte da relação ou arte da hospitalidade? Como os(as) professores percebem a dimensão ética da sua profissionalidade associada às práticas de hospitalidade?

Para responder essas perguntas, em termos empíricos, procuro identificar e analisar as percepções dos(as) professores(as) sobre a Pedagogia como espaço de encontro e acolhimento e como a dimensão ética dos(as) profissionais podem estar associadas às práticas de hospitalidade presentes em suas aulas, por meio da análise de suas narrativas escritas.

Sendo assim, a primeira parte do trabalho é dedicada a fundamentação teórica no que tange à relação entre educação, desenvolvimento humano e cultura em um contexto de sociedade educativa, hospitalidade enquanto temporalidade humana e experiência profissional como arte de encontro, acolhimento e memória. A segunda parte aborda a justificativa metodológica passando pela apresentação, contextualização da pesquisa empírica e pela descrição e análise dos dados.

O trabalho finaliza com as considerações gerais, acerca dos resultados mais relevantes sobre a prática docente enquanto prática de hospitalidade, de proximidade e experiência ética.

1ª Parte – Enquadramento Teórico: *Caminhos de Encontro*

Introdução

O tema proposto para a investigação, ou seja, “Pedagogia da Hospitalidade e *ethos* docente” corresponde a uma reflexão que visa abordar caminhos alternativos para uma educação mais acolhedora e afetiva. Se educar implica ir ao encontro de algo ou de alguém, nesse caso, a dissertação é fruto das múltiplas vozes, olhares e vertentes, indo de encontro a diferentes autores para entender a educação como um compromisso que necessita de responsabilidade, de comprometimento e de ética. Assente no campo da transmissão dos valores, da moral, da reflexão, do reconhecimento, da excelência e da proximidade, o desafio do(a) docente é buscar uma ética profissional que abarque a liberdade, a autonomia e abrace seu(ua) aluno(a) no sentido de proporcionar a diferença.

Como tal, do ponto de vista teórico ética e hospitalidade caminham juntas. Em nossas relações enquanto *habitat* do eu e do outro as relações éticas desempenham o encontro, sobretudo revestida de afeto, cuidado e acolhimento, tarefas que devem ser intrínsecas a atividade docente. É nessa perspectiva, que a investigação se desenvolve, tentando perceber a partir dos caminhos da aprendizagem as causas que levam à hospitalidade ou ao afastamento, por parte do(a) docente. A ação educativa deve estar pautada em uma ética profissional marcada na valorização de cada indivíduo (Baptista, 2005a). O “ser docente” atende as conceções históricas, sociais e culturais construída ao longo da vida. A relação estabelecida no ambiente escolar, seja com alunos(as) ou colegas de profissão, propicia a construção da sua identidade, que será refletida em seus contextos pessoais e profissionais.

As dimensões para a construção da identidade do(a) docente “apresentam movimentos de aprendizagem experiências, pois estas articulam o conhecimento, as práticas, as técnicas e os valores atribuídos por meio da relação com eu e a relação com o outro” (Rodrigues & Ferreira, 2020, p.152). Sendo assim, essa profissão deve ser idealizada e calcada sustentando a ideia que não é construída individualmente, mas sim no coletivo e na troca, porque o outro exerce um papel principal em sua formação (Nóvoa, 2019).

Neste contexto, a Declaração dos Direitos Humanos (1948) marca sobretudo o direito da educabilidade e do outro, com as suas histórias de vida, autonomia, liberdade e crenças, onde educação e sociedade estão interligadas em uma rede de intervenção do humano e na sua completude criando memórias positivas e com significados. Somos acolhedores, gentis e hospitaleiros ao possibilitar o outro enxergar nossos rostos e nos marcar pela presença e no abraço. Mas tal fato só será possível se tivermos uma educação mobilizadora e menos lecionadora e aprisionante (Melo, 2014).

Ao refletir sobre o papel da educação, do(a) docente e as relações hospitaleiras esta investigação se divide em seu enquadramento teórico em três capítulos. Assim, no primeiro capítulo é abordado a educação como um direito humano dentro de uma sociedade educativa, no segundo capítulo, a hospitalidade é enxergada como uma categoria relacional e no terceiro capítulo, a Pedagogia da Hospitalidade como encontro, acolhimento e empatia.

Assim, nesta primeira parte do enquadramento teórico a educação enquanto meta de desenvolvimento humano é vista como um espaço de abertura, de convite, de ética e proximidade partindo do pressuposto que o outro deve ser respeitado holisticamente. Nesse sentido, a hospitalidade assumida como categoria relacional marca a reciprocidade e o acolhimento em nossas relações construindo os caminhos do encontro do eu com outro.

Capítulo 1 – Educação e Desenvolvimento Humano

1.1) Metas de Desenvolvimento Humano no Século XXI

No seguimento do que foi dito, este primeiro capítulo teórico da dissertação assume como elemento norteador dois documentos importantes e que tratam da importância da educação para o desenvolvimento social e humano, são eles: a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e o Relatório proposto a Organização das Nações Unidas (ONU) para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO): Educação para o Século XXI. Ambos são relevantes para enxergarmos a educação como um todo, ou seja, como uma obrigação assumida por todos, ao longo da vida e numa perspectiva de desenvolvimento das plenitudes e capacidades humanas.

Analisar as metas para um desenvolvimento humano no século XXI perpassa pelos múltiplos desafios posto a educação, enquanto espaço de justiça social, de paz e de liberdade (Delors, 2010). Esses objetivos são frutos do afastamento da sociedade do século passado, marcada pela desigualdade, pela violência das guerras, pela angústia, pelo desemprego, pela exclusão social e sobretudo pela esperança de um futuro onde a equidade fosse a força motriz para dias melhores.

Sendo, a educação um bem comum da nossa sociedade, pensar sobre o futuro também é desenhar as suas metas e implicações no novo mundo a ser construído. Corroborando com a ideia de experiência humana e de proximidade, a educação emerge de uma prática social que atua diretamente nos sujeitos para os (trans)formá-los.

O pressuposto de que a educação desempenha um papel crucial nos processos de desenvolvimento, individuais e coletivos, representa um dos pilares fundamentais da sociedade democráticas contemporâneas, tributárias do ideal humanista consagrado na Declaração dos Direitos humanos (1948). Por um lado, reconhece-se que todas as pessoas têm o direito a oportunidades de formação ao longo da vida e, por outro, que a educação corresponde a um campo privilegiado para o desenvolvimento dos direitos humanos, isto é, para a promoção de culturas de paz, justiça e solidariedade social. (Baptista, 2015, p.10).

Trata-se de colocar a educação como um modelo de acolhimento, respeito, participação que ocupa o centro das relações em sociedade, sendo palco e prioridade das políticas públicas, educacionais e territoriais. A este respeito, passamos a enxergar a evolução humana como um processo de mudança que anseia projetar na sociedade a interdependência planetária e a globalização, marcas do século XXI.

Então, novos paradigmas surgem, mudanças que afetam a área econômica, social, cultural e especialmente, o educacional. Jacques Delors (2010), nos chama a atenção para o desenvolvimento de uma educação ou de uma utopia necessária que rompe com o passado e estabelece um elo entre o presente e o futuro.

Devemos deixar-nos orientar pela utopia que faz convergir o mundo para uma maior compreensão mútua, acompanhada por um sentido mais arraigado de responsabilidade e mais solidariedade, na aceitação de nossas diferenças de natureza espiritual e cultural. Ao permitir que todos tenham acesso ao conhecimento, a educação desempenha um papel bem concreto na plena realização desta tarefa universal: ajudar a compreender o mundo e o outro, a fim de que cada um adquira maior compreensão de si mesmo. (Delors, 2010, p.27).

Somos assim levados a refletir em uma dimensão onde a educação que através da compreensão de si, por meio do autoconhecimento e da autocrítica, é capaz de compreender o outro em uma dimensão ética e de acolhimento, um processo de reconhecimento do direito do outro. Na verdade, a educação deve ser encarada como um direito de emancipação, de reflexão, de ação, de transformação, de troca, de conscientização e de organização (Gadotti, 2012). O sujeito formado nesse processo torna-se apto a refletir, questionar, analisar, observar os mundos que o rodeiam para assim o modificar.

A função da educação, no novo século, reside em um direito humano que atua na transformação social, nas mudanças de concepções e nos direitos dos cidadãos (Baptista, 2018). Passa a ser necessário espaços que permitam a troca, o diálogo, a comunicação, o debate e legitimem o respeito ao outro e as suas diferenças. Ou seja, não existe relação e troca sem associação entre o lugar, o social e a cultural.

Com o passar dos anos novas concepções de educação foram “ganhando vida”, modificando ideias e provocando mudanças. Novos olhares se instauraram para compreender os papéis do(a) docente e do(a) aluno(a) no processo educativo, a fim de perceber a conexão

estabelecida. Mas, atualmente percebemos que “a escola parece perdida, inadaptada às circunstâncias do tempo presente, como se ainda não tivesse conseguido entrar no século XXI” (Nóvoa, 2019, p.3).

(Re)construir as concepções de educação é modernizar a prática do(a) docente preconcebida de como deve ou não exercer a sua função (Lenoir, 2006). “A educação é essa ‘arte’ de promover o desenvolvimento humano de cada pessoa, que nasce incompleta e só se desenvolve verdadeiramente na medida em que dá lugar ao outro e este o desoculta solidariamente e convoca a desabrochar a humanidade indizível que o habita” (Azevedo, 2010, p.14).

Refletindo sobre as palavras de Joaquim Azevedo (2010), podemos dizer que aprendemos no contacto com o outro, nos caminhos de alteridade, nas dinâmicas sociais, na proximidade, no afeto, no respeito e sobretudo na autonomia. A ação educativa deve perceber as abordagens pedagógicas que criam sentido e que são solidárias e eficientes. A verdadeira educação só acontece quando possibilita o desenvolvimento pessoal e social, caso contrário será discriminante e segregatória. Promovemos, então uma educação que valoriza o indivíduo em seu sentido único e pleno pelo direito a acolhida, ao respeito, a hospitalidade e a identidade. Ou seja, uma identidade que é criada na adversidade, no acaso, na vida e na mudança (Couto, 2015).

Afirmamos neste sentido a necessidade de pensarmos em dinâmicas pedagógicas que sejam fundadas em cooperação, entrega, humanização e em práticas baseadas no ouvir, no ver e no sentir. Perante as mudanças, a educação com seu compromisso social deve estar preocupada com uma aprendizagem que seja ao longo da vida e para todos, como foi dito. Sendo assim, a expressão “educação ao longo da vida” mostra a temporalidade do processo de *ensinoaprendizagem*, que acontece no decorrer da vida humana (Alheit & Dausien, 2006). Aprendemos na escola, em casa, na vida e principalmente nas relações interpessoais.

1.2) Educação e Sociedade Educativa

Em conformidade com o que foi dito no ponto anterior, a educação em nossa sociedade representa uma base importante para o desenvolvimento humano, alinhado com o trabalho conjunto entre comunidades, instituições e cidadãos. Compreendida como um

direito universal acessível a todos e para todos ao longo da vida, conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), ela se faz presente diariamente nas relações e em espaços formais e informais de educação.

Conviver com as mudanças e as transições sociais, políticas, ideológicas e culturais é desenhar e refletir sobre a aprendizagem construída ao longo da vida, ou seja, do nosso nascimento à nossa morte. O que aprendemos nessa dinâmica? Como aprendemos em comunidade? Responder tais perguntas, talvez perpassasse por enxergar os espaços como construtores sociais de trocas e plurais de vidas, saberes e histórias.

É missão da educação contribuir para que cada ser humano aprenda a viver com os outros, a tornar-se cidadão, pleno de direitos e de deveres, membro de uma comunidade. Aí cada um é chamado a ser solidário e responsável. A cidade, como comunidade humana em construção(...), pode conferir outra pertinência e relevância educativa ao ensino e pode conferir novos significados ao acto de conhecer, contextualizando-o, dando-lhe outros sentidos e atribuindo-lhe um leque diverso de utilidades sociais e humanas. A educação social constitui um instrumento privilegiado para garantir o acesso de todos a estas oportunidades de humanização da vida social, sobretudo dos que se encontram em situação de maior risco. (Azevedo, 2007, pp.8-9).

Este é o nosso referente, a nova forma de pensarmos a educação como uma aprendizagem ao longo da vida, na vida e para a vida, envolvendo todos os elementos de uma sociedade. Esse conceito é fundamental para entendermos o processo transitório marcado pelo século XXI, onde desenvolvemos uma educação permanente e que vai de encontro ao outro em comunidade, essa por sua vez oferece oportunidades para um crescimento coletivo.

Se não aprendemos sozinhos os vínculos sociais permitem a construção de laços humanos que sejam mais acolhedores e a criação de redes de apoio. Assim, o conceito de uma educação ao longo da vida converge para a noção de sociedade educativa onde “tudo pode ser uma oportunidade para aprender a desenvolver os talentos” (Delors, 2010, p. 32). A educação atrelada às oportunidades ofertadas pela sociedade permitem, portanto, novas possibilidades de crescimento, de formação e novas chances de desenvolvimento pessoal.

Nesta perspectiva, aprender envolve o coletivo e na noção de territórios educativos com dinâmicas de aprendizagem e participação da comunidade. Uma nova leitura do mundo é imposta se afastando de uma sociedade industrial para uma sociedade educativa marcada

pelo ágil movimento do conhecimento, das relações de troca e do aprofundamento e enriquecimento das vivências humanas.

Em uma sociedade educativa a educação ao longo da vida é a base para o desenvolvimento humano e deve estar pautada em quatro pilares: *aprender a conhecer* – para se beneficiar dos conhecimentos dados ao longo da vida, *aprender a fazer* – para desenvolver competências e estar apto a intervir no social, *aprender a conviver* – para compreender, estabelecer relações e participar das interações em sociedade e *aprender a ser* – ao envolver os outros pilares somos capazes de desenvolver a autonomia, a responsabilidade e o bom senso. “Com essa finalidade, a educação deve levar em consideração todas as potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se (Delors, 2010, p. 31).”

A Educação passa a ser vista como um todo necessário para tomada de decisões políticas, educacionais e sociais. Sendo, e tal como é preconizado no Relatório da Unesco (Delors, 2010) classifica cada pilar como ancoragens fundamentais dada ao longo da vida e que para cada indivíduo será a chave do seu conhecimento. Um novo paradigma é instaurado em função da necessidade de permitir a construção de competências, da aquisição de conhecimentos e da permanente inovação, sendo um ininterrupto processo de intervenção, instrução, formação e de integração pessoal e social.

Toda proposta educacional deve estar pautada na ética da diversidade que se traduz no respeito pelo outro em todas as suas diferenças, na solidariedade para com o outro na satisfação de suas necessidades de sobrevivência e transcendência e na cooperação com o outro na preservação e inovação do patrimônio natural e cultural comum. (Cavichioli, 2010, p.152).

Nesse sentido, o novo *insight* consiste em um *empowerment* com base nos processos de construção de conhecimentos, de vivências, de experiências de aprendizagem, de respeito, de ética e de equidade. Em uma educação ao longo da vida todas as oportunidades ofertadas pela sociedade são meios de aprendizado e crescimento coletivo e individual. A educação em uma sociedade educativa converge então

(...) para o desenvolvimento contínuo das pessoas e das sociedades: não como um remédio milagroso, menos ainda como um “abre-te sésamo” de um mundo que tivesse realizado todos os seus ideais, mas como uma via – certamente, entre outros

caminhos, embora mais eficaz – a serviço de um desenvolvimento humano mais harmonioso e autêntico, de modo a contribuir para a diminuição da pobreza, da exclusão social, das incompreensões, das opressões, das guerras... (Delors, 2010, p.5).

Talvez, reconhecer o real papel e função da sociedade seja necessário para entender que o indivíduo aprende além dos muros da escola. Sendo assim, a sua vida social, econômica e cultural lhe ensina negociações, solidariedade, responsabilidades, deveres e trabalho em colaborativo. O ser humano é criado nas inter-relações que estabelece cotidianamente, onde a sociedade é fruto do espaço e do tempo para as aglomerações sociais.

Na construção do conhecimento não poderia ser diferente, aprendemos à medida que ensinamos. Todo conhecimento funciona como um encontro a dois, a três, a quatro, não importa o número, mas as relações que são estabelecidas do nosso mundo com o do outro. “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2000a, p.68). É uma eterna metamorfose, onde emergimos da história para alterar o futuro e as práticas ali equacionadas.

De acordo com as teses expostas, compete à educação pensar na nobre tarefa de ensinar e na criação de espaços escolares que promovam a participação democrática, o incentivo, a autonomia, a equidade, o acolhimento e o respeito a pessoa humana. Onde os espaços educacionais promovam um currículo que ensine pela experiência, pelo respeito, pela proximidade, pelo conhecimento, pela cultura e que desperte o desejo de *aprender a aprender* (Delors, 2010, p.31). Concluímos assim, que a escola deve buscar a emancipação, o acolhimento, a formação e a edificação humana primando por uma cultura escolar que desperte o sentido da vida e a aprendizagem que promova a liberdade e a autonomia de estar consigo e com o outro, como será visto a seguir.

1.3) Cultura Escolar e Pedagogia Social

No seguimento do que foi corroborado no ponto anterior, dentro de uma lógica de proximidade e desenvolvimento humano, pensar sobre cultura escolar e Pedagogia Social é compreender a educação numa perspectiva ampla. Esta noção conduz à valorização da

Pedagogia Social enquanto ciência da educação autónoma e, conseqüentemente, ao reconhecimento da necessidade de articulação entre a pedagogia escolar e a Pedagogia Social.

A passagem do século XX para o XXI foi marcada por mudanças significativas, principalmente na educação, afetando seu currículo. Grandes conflitos assentados no século XX, como a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial, imprimiram no mundo a necessidade de movimentos e ideais que garantissem os direitos a todos os seres humanos, sendo eles culturais, sociais, políticos e econômicos.

Diante da complexidade apresentada no novo século, a educação passa a ser vista por uma nova lente - o de desenvolvimento humano. Arelado com o ideal de uma *educação para todos e ao longo da vida*, é sustentada pelo pilar da expansão da personalidade humana, no combate à exclusão e a adaptação as exigências atuais da sociedade.

O desenvolvimento social, económico e cultural das sociedades determinou a necessidade de se considerar a educação não só como um meio de aperfeiçoar conhecimentos ou de contribuir para o desenvolvimento individual mas também como uma resposta às necessidades de desenvolvimento das sociedades. (Nunes, 2011, p. 13).

Nesta visão, a educação passa a ser elemento chave para o desenvolvimento integral, contínuo e permanente dos sujeitos na sociedade. Os quatro pilares apresentados por Jacques Delors (2010), e já citados anteriormente, são fundamentais para a construção de uma educação ao longo da vida e na/com a vida. É preciso, portanto, entender que esse ideal mobiliza um conjunto de saberes, práticas e ações que refletem na escola o objetivo de uma formação integral do ser humano, como uma linha do tempo indo da vida até a morte.

Conseqüentemente, o processo educativo assume a função de envolver todos os sujeitos no *ensinoaprendizagem*, sendo eles, família, escola, professores, comunidade e organizações. Admitirmos, que a educação é um direito universal nos convoca a aceitação da importância de uma solidariedade social, presente no pressuposto da escola como base da sociedade moderna (Silva, 2006) e do desenvolvimento sustentável (Nunes, 2011) promotor de equidade, da inclusão, da solidariedade, da partilha e da democracia.

A escola como um espaço detentor de uma história própria, de uma cultura legitimada e da garantia a instituição de suas normas, valores, rituais, ritmos e pensamentos inserida, por sua vez, em uma cultura escolar que possui como base o sujeito e as suas práticas sociais.

Aspectos, então, como valorização da ética, da identidade e da pessoa humana passam a ser submetidos no universo escolar.

Dessa forma, a ideia de escola atrelada a transformação social e a cultura dentro de uma sociedade educativa corrobora com os princípios da igualdade, do desenvolvimento, da justiça e da solidariedade. Desempenhando, assim, um papel histórico de formação e desenvolvimento pessoal e coletivo.

(...) a escola cumpre também a função de engendrar na consciência de seus atores significações da vida social e cultural da sociedade. Finalmente, a escola tem função identitária, ou seja, de contribuir para promover o desenvolvimento psicológico de cada um de seus atores, à medida que ele passa a se reconhecer como parte de grupo, uma geração, um contexto institucional cujos significados compartilhados contaminam a identidade pessoal. (Campolina & Oliveira, 2009, p.372).

Percebe-se o espaço escolar como uma instância promotora de mudanças sociais, coletivas e individuais, onde o ato de educar fomenta a formação e prática de socialização, de emancipação, de desenvolvimento e de aceitação (Nadal, 2007). No amago dessa transformação a Pedagogia Social, atua na promoção da solidariedade social, na proximidade humana e na promoção do espaço escolar como um ambiente de hospitalidade.

Criada no final da metade do século XIX na Alemanha e fruto de grandes mudanças que abraçaram o passar dos anos, como: Revolução Industrial, guerras e migrações, a Pedagogia Social enquanto ciência, filosofia da ação, saber técnico-profissional e disciplina acadêmica (Baptista, 2008a) propõem-se perceber o elo entre educação e sociedade.

Ao enxergar o sentido do humano e a sua relação coletiva, a educação passa a ser vista para além do muro da escola, por desenvolver um olhar amplo, integral e potencializador dos laços sociais. Sendo, assim, uma educação ao longo da vida reflete dentro de si condutas de cidadania, de equidade, de identidade e laços de hospitalidade (Baptista, 2008a). O conceito de *aprendizagem ao longo da vida* atua na educabilidade, na ética, na experiência individual e coletiva e principalmente na vida, reforçando políticas públicas de educação mantendo princípios próprios de currículo, avaliação e o sentido da educação (Gadotti, 2016).

Na verdade, o ser humano é inacabado, incompleto, sendo a educação, como nos aponta Paulo Freire (2000b) um processo de educar-se continuamente que se constitui da relação entre teoria e prática. Em contrapartida a escola, estabelece mecanismos próprios

para o processo formal de *ensinoaprendizagem*, os quais o indivíduo retém algo que lhe é transmitido, através de uma lógica curricular particular e própria. A Pedagogia Social como uma prática inovadora para a educação percebe o processo escolar como uma questão social e que abrange os acontecimentos *sociopedagógicos* da sociedade contemporânea.

A diversidade da cultura escolar evidente em seus currículos, práticas e políticas refletem a emergência de construir uma escola para e com todos, a Pedagogia Social atua na intervenção sociocultural, no desenvolvimento pessoal, na promoção dos direitos humanos, na liberdade e no envolvimento de todos os sujeitos no processo educativo. Talvez, nos atentar ao relacionar-se da escola, enquanto lugar de acolhimento e proximidade, e inserida em uma sociedade educativa com os espaços educativos, seja o caminho para não reduzirmos a pedagogia escolar em uma Pedagogia Social (Baptista, 2005a) passando a enxergar as diferentes formas de *ensinoaprendizagem*.

Desperta, enfim, o saber pelo conhecimento é imprimir lógicas uma educação do encontro, através de práticas pautadas na convivência, na aceitação e no reconhecimento de si e do outro. Aceitar esse pressuposto, e tal como mostraremos no capítulo seguinte, significa reconhecer a relação que a educação e a hospitalidade desempenham juntas dentro de uma pedagogia relacional, por meio da acolhida, da compreensão e do encontro afetivo e emocional com outro.

Capítulo 2 – Hospitalidade e Temporalidade Humana

2.1) Hospitalidade como categoria relacional

A hospitalidade corresponde a um valor de relação humana que está presente em nossa sociedade nas relações, nos contatos diários, no acolhimento principalmente nas trocas familiares. Dentro desse processo de retribuição é marcado o compromisso ético e moral de reciprocidade e comunhão à medida que traça a nossa subjetividade e recebe a presença do outro. Essa atitude interpessoal privilegia as relações de proximidade, de solidariedade, de vivências e acredita que acolher é a melhor maneira de estar junto e de criar práticas que potencializam a dimensão relacional.

Assim, a hospitalidade como categoria relacional é marcada pela reciprocidade e pelo acolhimento, nos lembrando que o outro é parte integrante de quem somos. Esse outro pode ser qualquer ser humano, por exemplo, um(a) amigo(a), um(a) vizinho(a), um(a) colega de trabalho, um(a) familiar, um(a) desconhecido(a), um(a) viajante ou até mesmo em contextos educacionais um(a) aluno(a). Partindo desse conceito, acolher de forma hospitaleira é ser receptivo e comprometido com alguém em um processo mútuo de confiança e respeito.

Por definição, a hospitalidade corresponde a capacidade de receber (anfitrião/hóspede) perpassando por dois tipos de relações: a relação com o lugar e a relação com o outro. Os lugares de hospitalidade são espaços relacionais, ou seja, de interação humana, que assenta na condição universal humana e no reconhecimento individual dos rostos e na subjetividade de cada ser, tendo como objetivo o acolhimento, a ajuda, o conforto e o abrigo. A hospitalidade como relação com o outro abrange a verdadeira riqueza das convivências humanas que pressupõe alteridade, empatia e dádiva de aceitar o outro como realmente é.

Na relação de partilha, transformamos à medida que somos transformados, alimentando o ciclo da convivência afetuosa, respeitosa e bondosa. Nesse sentido, Isabel Baptista (2008b), nos aponta que “a interpelação de alteridade humana desperta a bondade ou capacidade para ‘dar o dom de si mesmo’. Esse subtil ‘excesso da hospitalidade é o que, justamente, faz a diferença de todos actos que exprimem a sociabilidade humana” (p.9). Desfrutemos, pois, do desafio da hospitalidade, a ligação entre dois mundos – o eu e o outro.

Permitir ultrapassar a barreira da fragilidade dos laços humanos é garantir a generosidade e a genuinidade dos encontros.

O grande obstáculo da hospitalidade, neste caminhar é a identidade, por meio da capacidade de enxergar cada indivíduo como sendo único e detentor de características e marcas próprias. Este aspecto esteve presente ao longo do tempo e da história onde a hospitalidade é assumida como elemento chave para uma relação ética, de acolhida, de respeito, de reconhecimento e de identidade, essa no sentido de ser “tecidas na contingência porque a representação da nossa identidade é construída, hoje mais do que nunca, na instabilidade da mudança” (Couto, 2015, p.18). Que lugares habitamos? Quem sou? Quem é o outro? Quais são os nós que nos amarram?

Tais questões passam pelo desafio de pensar sobre o lugar da identidade e da hospitalidade em nossa sociedade onde a identidade é uma representação que marca a proximidade de si para com o outro, enxergando o que cada indivíduo é um acontecimento (Deleuze, 1980).

É preciso lembrar que a identidade é concebida nos processos de identificação coletivo e pessoal, sendo algo dinâmico, contínuo, relacional e de contingências históricas, sociais, culturais marcadas pela vulnerabilidade, fragilidade e alteridade das relações que construímos. A nossa identidade é determinada pelo encontro com o outro em um processo de escuta, diálogo e enxergar. Se a presença do outro nos interpela pelo seu rosto e pelo papel identitário de ser único, na sociedade do/para/com o outro, assim, é um lugar de proximidade, de memórias, de passados, de afetos e sobretudo, de *laços humanos* (Baptista, 2006a, p. 245).

Isabel Baptista (2006a), nos salienta a necessidade de aprender a enxergar o sentido do outro para além da nossa zona de proximidade natural, no caso família, vizinhos(as), amigos(as). Perceber os rostos e as pessoas que habitam por trás das máscaras, tão atuais em tempos pandêmicos, é permitir identificar, acolher e abrigar o “tu” em enraizamento de um “nós”. Nessa linha de pensamento, Sênia Bastos, Ladjane Rameh e Fábio Bitelli (2017), em seus estudos sobre Derrida apontam que a hospitalidade se inicia no bem receber, ou seja, o anfitrião abraça seu hóspede como gostaria que lhe hospedassem.

Então, na verdade somos todos anfitriões do outro que habita nossa morada e dita nosso comportamento. A hospitalidade relacional se inicia no entendimento que a nossa casa não nos pertence, eu recebo à medida que sou recebido. Parte-se do princípio de ceder ao

estrangeiro um lugar que é meu sem esperar uma reciprocidade (Derrida, 2003). Corroborando com essa ideia, Melo (2014) acredita que o encontro com outro está na capacidade de escuta, compaixão, silêncio, entendimento e percepção não só das palavras, mas também do rosto que nos fala. A hospitalidade, assim por dizer, começa quanto o “eu” e o “tu” caminham juntos originando um “NÓS” dentro da dinâmica de participação, de comprometimento, de acolhimento, de escuta e de lugar de fala.

A experiência de relação entre duas pessoas que, em rigor, só pode ser vivida como hospitalidade, implica que a consciência desenvolva a capacidade de acolhimento da alteridade que interpela e a interrompe. Outrem chega ao nosso mundo na condição de *estrangeiro* [grifo da autora], como alguém que, vindo de uma terra nunca antes possuída ou habitada, abre, com sua presença, uma brecha no nosso tempo. A sua chegada fratura, por vezes de forma desagradável e traumática, a sequência dos instantes tendencialmente percebidos numa lógica de continuidade. (Baptista, 2005b, p. 15).

A hospitalidade implica, então, abertura, risco e exposição porque na interação com diferentes indivíduos e identidades construímos conhecimentos na medida que nos tornamos vulneráveis e frágeis ao vivenciar as novas relações. O acolhimento deve ser verdadeiro em um primado de alteridade e ética da hospitalidade (Derrida, 2003). No momento que o “eu” fala deve respeitar, cuidar e ser sensível ao rosto e a verdade do outro que lhe escuta. Aceitar é admitir uma relação de desenvolvimento humano que preconiza justiça, solidariedade social (Delors, 2010), emancipação e direito humano de liberdade e ser quem deseja (Sogayar, 2020) apoiados pela Declaração dos Direitos Humanos e o Relatório para a UNESCO: Educação para o Século XXI.

A experiência de alteridade perpassa pela esfera da aceitação de si em presença do outro, em nosso processo de desenvolvimento humano. Olharmos para nós próprios e nossa individuação nos permite reflexionar sobre quem somos, o que desejamos e o qual o nosso lugar de resposta, em um processo de (auto)hospitalidade. Mas, o que realmente nos torna pessoas é o fato de compreendermos o outro como ele é, sem exclusão ou julgamentos. “É através da atitude moral, através da linguagem da responsabilidade e do compromisso, que se honra o privilégio de ter sido eleito por alguém” (Baptista, 2019, p.19).

A expressão “te reconheço” reflete e resume a presença do outro em nossas vidas, em uma lógica de “aceito Tu pelo simples fato de ser quem és”. Portanto, a hospitalidade como

uma categoria relacional está alicerçada em três pilares importantes: o reconhecimento, a proximidade e a aceitação. Ao admitirmos o ser humano como um ser social, percebemos que o outro desempenha um importante papel em nossas vidas, principalmente nas relações que são estabelecidas e que foram modificadas aos longos dos anos.

A hospitalidade e a aceitação sofreram, então, transformações saindo em alguns momentos da nossa história de “eu” egocêntrico, para um “eu” ético, nos fazendo assumir bases mais hospitaleiras cotidianamente em nossas relações. Nesse sentido, somos aptos a vivenciar um compromisso ético para com o outro em pressupostos de alteridade, sensibilidade, prudência e bondade. O que implica em reconhecer a hospitalidade em suas diferentes dimensões em nossa sociedade alimentada pela condição humana de solidariedade social e compromisso enquanto anfitriões/hóspedes da sua vida e da do outro.

2.2) Dimensões da Hospitalidade Prática

Como vimos, por princípio, a hospitalidade pressupõe proximidade com o outro, isto é, empatia e acolhimento, como foi visto anteriormente. Estas noções ultrapassam fronteiras geográficas, culturais, sociais e políticas. O que implica pensar em seu caráter polissêmico perante as pesquisas de referenciais teóricos. É justamente, o hibridismo social que nos implica refletir sobre a hospitalidade em suas diferentes dimensões práticas em nossa sociedade. Como exemplos temos: *a hospitalidade na política* por meio das eleições, onde o político (hóspede) atua na comunidade (anfitrião) através da árdua tarefa de pensar na coletividade; *a hospitalidade na saúde* por meio de um atendimento humanizado e respeitoso capaz de acolher a todos(as) da sociedade; *a hospitalidade na literatura* através do respeito e do cuidado com a história e a cultura passada e de um povo; *a hospitalidade na comunicação* com discursos éticos e não hostis; *a hospitalidade no turismo* com o “bem receber” e o elo entre anfitrião e hóspede; *a hospitalidade na sociedade* na criação de lugares de hospitalidade marcados pela proximidade humana; *a hospitalidade na religião* com as passagens bíblicas permeadas pelo amor ao próximo e *a hospitalidade na educação* com práticas docentes que assumem o encontro como um importante elo de ligação entre o eu e o outro que inicia na (auto)hospitalidade como condição fundamental para acolhimento do outro (alunos(as) e colegas de profissão).

Como foi observado, muito da influência da hospitalidade está assentada no campo do turismo na relação anfitrião e hóspede em seus diferentes contextos. Em uma abordagem voltada e caracterizada para a Ciências da Educação, a análise das dimensões da hospitalidade precisou percorrer espaços, tempos e lugares distintos que corroborassem com a ideia do outro como condição fundamental para o desenvolvimento humano, pessoal e coletivo. Dentre as dimensões práticas das hospitalidades exemplificadas fincou-se na palavra *Ágape* presente desde a antiguidade em nossa sociedade, para clarificar conceitos distintos de hospitalidade no turismo, na religião e na educação, com o intuito de mostrar que a proximidade humana é o elemento que norteia a nossa sociedade.

Historicamente a palavra grega, *Ágape*, utilizada por alguns filósofos que designa o amor, ou um amor puro e generoso que nos faz refletir sobre a reciprocidade e o dar sem pedir nada em troca, ou seja, uma ação que não espera uma reação. A verdadeira relação de amizade e de hospedagem, se levamos para o campo do turismo. Na Bíblia, o *Ágape*, por exemplo pode ser destacado na parábola do Bom Pastor (João 10: 1-21), onde Jesus é o pastor que oferece a sua vida as suas ovelhas e no mandamento “Amai-vos, uns aos outros, como eu vos amo” (João 15:12). Biblicamente, percebemos a importância do outro, da caridade, do cuidado e da doação sem medida. Dentro desse caminho, São Tomás de Aquino em sua oração nos ensina a sermos éticos cotidianamente, com humildade e sem arrogância destacando a importância de relações baseadas na verdade e no acolhimento do outro.

Estudando a Bíblia e algumas das suas passagens percebemos que o tema hospitalidade está presente no cuidar, na bondade e no convite em aceitar o outro como é, em seu irmão de fé e amor, sendo ovelhas mansas e serenas. “É esse ofício de Deus feito homem, cuidar do Seu rebanho, que é a humanidade inteira. A pessoa toda e todas as pessoas” (Rossi, 2010, p.67). Um amor Divino que ampara, protege e nos revela a caridade. Passando novamente para o campo do turismo, a hospitalidade é refletida na relação de acolhimento, de presença e de pertencimento. Assim, como na Bíblia é a verdadeira ideia de generosidade, onde o outro não é visto como “moeda de troca”.

Nesta linha, Sogayar e Rejowski (2011) analisam diferentes abordagens teóricas sobre a hospitalidade tendo como base estudiosos de referência sobre o assunto. Explorando o texto e o quadro teórico proposto pelas autoras somos capazes de perceber uma hospitalidade pautada na construção social que permite a abertura e a tolerância para com o outro

permeando as relações sociais em seu sentido de acolher, de receber e na ética para uma boa convivência em sociedade. No fundo, na compreensão de uma noção de hospitalidade baseada em um conceito cristão de caridade e na retribuição para com o outro.

Tomada neste sentido, a hospitalidade na educação assume o papel de encontro ao outro marcado pelo acolhimento, onde o outro é o início e fim dessa união entre o “eu” e o “tu”. Os rostos dentro do processo educativo narram histórias e marcam a presença pela assinatura e pelas suas falas. Ninguém pode ser indiferente a capacidade de enxergar os rostos, o ser humano que o habita e a reconhecer o seu papel dentro da sociedade e da educação. A generosidade da entrega perpassa por caminhos históricos que enxergam a relação entre hospitalidade e educação em seu viés de responsabilidade, de lugar de escuta, de relações mais humanas e de identidade.

Com a árdua tarefa de se aceitar para abraçar o outro, a hospitalidade da educação passa a ser um desafio que impõe uma reflexão sobre seus atos para consigo e para com outro. Por exemplo: abrir as suas salas de aulas aos colegas de turma é um promover o acolhimento e a integração. Esse “simples” gesto marca a passagem de uma prática egoísta para a construção da coletividade e da integração promovendo lugares de fala e interação.

Concluimos, portanto, que dentre essas dimensões a hospitalidade se constitui uma dimensão prática ligada à educação. Uma educação acolhedora que acredita na educabilidade de todos. Ao aceitarmos uma educação mais hospitaleira refletimos sobre a intervenção positiva da hospitalidade no desenvolvimento humano através da garantia da identidade, dos rostos e o respeito a pessoa humano como um ser único, como será visto a seguir.

2.3) Hospitalidade e Intencionalidade Pedagógica

Se a hospitalidade constitui um valor educacional, como foi dito antes, então ela deverá marcar a intencionalidade pedagógica. Ou seja, ela deverá fazer-se presente em todo o processo educativo pautado pelo respeito do outro na sua condição de outro. Os discursos e as manifestações sociais giram ao redor de uma prática para/com o outro em uma perspectiva de desenvolvimento humano, social e solidária que atenda a identidade dos rostos apresentados. Ora, falar de hospitalidade e educabilidade é remetermo-nos a lugares únicos de pertencimento, aceitação, ajuda, conforto e abertura de si e do outro.

No processo, de partilhar a dádiva assume a essência da relação construída alimentando os laços sociais, a identidade pessoal e o vínculo, já que a vida em sociedade possui o eterno mecanismo de dar e receber (Camargo & Sogayar, 2010). Nas relações sociais estabelecemos confiança, proximidade, segurança e apaziguamento por meio das trocas, onde “(...). As dinâmicas de proximidade humana, reveladas no contexto da complexidade atual, devem servir de apoio para a nossa sociedade que se revela tão carente de apoio e ajuda, nos campos da segurança, da proteção e da justiça.” (Camargo & Sogayar, 2010, p. 4).

Diante da vulnerabilidade social e da fragilidade das relações a interação com o outro deve ser constantemente fortalecida e repensada, já que a proximidade nos faz conhecer o outro que é detentor de histórias e de vida. Não é incomum a falta de interação na sociedade atual, cada vez menos as pessoas se direcionam ao outro como detentor de rosto e nome, geralmente o automático é “ligado” e as expressões cotidianas ficam vazias e sem sentido, na verdade um “Bom dia”, um “Boa tarde” e um “Boa noite” passam a serem simples cumprimento sem significado ou significação. Nesse sentido, a palavra atua como uma dádiva ao permitir a negação ou aceitação do outro em zonas de hostilidade ou hospitalidade, onde a antiga relação de anfitrião e hospede é um requerimento básico para a vida em sociedade e para a humanidade (Strange & Lundberg, 2014).

O “eu” deve estar aberto permitindo o crescimento, o desenvolvimento e a potencialização do outro a partir do movimento da hospitalidade que criam sujeitos capazes de serem responsáveis de si e do outro, em um aproximar-se genuíno, libertador e um acontecimento ético que não espera nada de volta (Síveres & Melo, 2012), dando a oportunidade do outro ser quem ele é. Por outro lado, a hospitalidade atua na sociedade educativa diretamente no direito básico a educação, no receber o(a) aluno(a) com um acolhimento que valorize a sua identidade, a sua participação e que promova a escuta e o entendimento no processo de *ensinoaprendizagem*.

O rosto tem a capacidade de nos inserir na esfera do absolutamente Outro [grifo dos autores], introduzindo-nos no sofrimento do *Outro*, com misericórdia, ou seja, nos insere no universo de valores. (...) É no acolhimento, a partir do rosto que o *Outro* se revela como ele é. É, portanto, dar ao Outro o direito de ser. (...). (Síveres & Melo, 2014, p. 39).

No âmbito da Educação do Século XXI, a hospitalidade assume a tarefa de garantir que a educação esteja no cerne da nossa sociedade defendendo a condição humana e o desenvolvimento pleno de cada pessoa. Desempenhando, pois a transformação das mentalidades, para que se lembrem diariamente do direito do outro, da afirmação da sua identidade e da promoção da sua cultura e cidadania. Se traçarmos uma linha do tempo, que marque a temporalidade humana veremos que o campo da hospitalidade acompanhou e acompanha a história da educação e do desenvolvimento humano.

A hospitalidade cada vez mais tem pedido espaço e abertura no âmbito da educação, já que falar de educação é analisar a formação dos seres humanos, implicado em suas metas sociais e humanistas. É importante destacar a necessidade de respeitar o lugar que cada sujeito ocupa dentro da vida escolar garantindo espaços de fala e promovendo a autonomia, a liberdade e principalmente a solidariedade. Acompanhado da evolução da educação as práticas escolares necessitaram de mudança, novos paradigmas e olhares foram instaurados na relação pedagógica.

Inscrito nesta matriz de valores, o compromisso assumido pela docência instaura um outro olhar sobre os(as) alunos(as), onde ambos trabalham juntos na construção da aprendizagem e são o centro do processo educativo. Ao atuarem mutuamente trocam hipóteses, problemas e opiniões. O(a) aluno(a) não é um recetor, mas um ser que pensa e é social. No processo de construção do conhecimento interage com outras pessoas, com o(a) professor(a) e com os(as) colegas, sobre os assuntos abordados a medida que os coloca aos outros. Sendo assim, “(...) a educação é vista como um processo de mediação da construção de conhecimentos e atitudes nos alunos pelo professor” (Rego, 2018, p.41).

O(a) professor(a) em uma análise bíblica corresponde a figura do “Bom Pastor” que guia, cuida e protege as suas ovelhas (Rossi, 2010). No tocante do seu trabalho diário acredita na educabilidade de seus alunos. Por isso, desempenhar o seu papel deve ser antes de tudo um dever ético e de direito para promover a autoridade sem ser autoritário, o respeito sem ser desrespeitoso e a aprendizagem como liberdade e autonomia. Com tempo percebemos a necessidade do humano de falar, trazendo para a educação, que a hospitalidade possibilite os(as) docentes falarem, mas também ouvirem.

Em aproximação com a simples frase “amor genuíno”, o trabalho docente deve acreditar na hospitalidade enquanto espaço de reconhecimento do outro, da sua acolhida, da

sua história e da sua identidade. Acreditar na educação em sua crença de educabilidade é na verdade, compreender o ato que cada indivíduo possui uma marca, uma subjetividade e consequentemente um rosto. O papel da educação deve buscar dentro processo educativo bases reflexivas para a compreensão do processo de *ensinoaprendizagem* e o desenvolvimento humano. Neste sentido, problematizar a relação humana dentro de uma relação pedagógica é instigar sobre uma Pedagogia da Hospitalidade pautada na tríade: encontro, afetividade e ética docente, que dentro do processo educativo poderia colaborar com uma visão holística do(a) aluno(a) e em uma relação prudente com o outro.

Em síntese, concluímos que a hospitalidade enquanto categoria relacional caminha junto com a intencionalidade pedagógica e a promoção da educabilidade de todas as pessoas, já que o ato de ensinar não é neutro, e sim marcado por “intenções” que requerem cuidado, respeito, atenção, escuta e um olhar atento. O agir docente carrega a consciência dos seus atos e das suas atitudes sobre as suas ações pedagógicas. Então agir adequadamente corresponde a garantia de um processo de *ensinoaprendizagem* comprometido com os(as) alunos(as) atrelada a uma Pedagogia da Hospitalidade que marca o processo educativo como um encontro.

Capítulo 3 – Pedagogia da Hospitalidade e *Ethos* Docente

3.1) Pedagogia da Hospitalidade como arte do encontro

Como vimos, a hospitalidade é um conceito que está em construção e perpassa por diversas áreas. No segundo capítulo, tivemos a oportunidade de apresentar as dimensões práticas da hospitalidade e sua capacidade relacional, tão importantes para as relações interpessoais, exercida principalmente no processo educacional. A sua noção surge como virtude a vida cotidiana nos remetendo a valores por vezes adormecidos, como acolhimento e alteridade na construção dos laços no ambiente escolar. Em alinhamento com tal proposição, pensar em uma educação pautada na hospitalidade é almejar romper com o senso comum garantindo a igualdade e o direito do acesso à educação.

Falar em hospitalidade, então, é compreender os lugares de fala como ponto de chegada e partida da nova maneira do relacionar-se humano no cerne da sociedade atual do conhecimento. Para entendemos tal realidade, urge pensarmos nas ressignificações da educação enquanto espaço-convite aos seres que ali adentram. Sujeitos esses repletos de histórias, culturas, identidades, ou seja, um grupo de uma mesma sociedade, mas com características únicas. O partilhar suas vivências, pensamentos e o fato de reconhecê-los possibilita a fala como um lugar de voz e visibilidade. Assim sendo, marcar esse lugar é quebrar a homogenia, os conceitos e a hostilidade, tendo como justificativa a hospitalidade, o afeto, a escuta e o entendimento.

A partir desse ponto, a hospitalidade transforma-se em Pedagogia, inscrevendo-se na construção de uma educação como um lugar de escuta e acolhimento e não somente como um espaço social e de acesso aos processos educacionais, promulgados pelas leis e decretos. Mas um espaço rico, vivo, sentido e que desenvolve um saber-fazer-ser-pedagógico para relações pedagógicas que rompem com o tradicional por meio de um processo de *ensinoaprendizagem* emancipador e libertador. Onde através de um ambiente educativo criativo e envolvente, a educação realiza-se para todos(as) em seu sentido amplo de desenvolvimento humano e social.

É mister, contudo, entender a importância da Pedagogia atrelada a hospitalidade na educação, ao justificarmos o não esquecimento do outro. O seu real sentido ocorre no momento que o “eu” se cala para perceber, ouvir e sentir o outro, adicionando a relação pedagógica, vida, sentido, abertura, interesse, ardor e ternura. “Para tanto, a pedagogia da hospitalidade é o recorte para se examinar a proeminência de uma educação transformadora e libertadora, capaz de romper as amarras do egoísmo, deste modo, do eu fechado, que de forma simples de entender, é abertura do eu para o outro (...)” (Melo, 2014, p. 24-25).

Nesse sentido, docente e aluno(a) constroem a rica experiência de disponibilidade ao outro, em seu sentido de acolher e ser acolhido. Não se trata, de uma afetividade forçada, mas sim de um convite ao sujeito que ali se apresenta enquanto ser único e que se entrega a escola não como um hospede a desfrutar um convite. A arte da Pedagogia da Hospitalidade ocorre no saber (trans)formar o dever em acreditar na educabilidade em um convite a arte do encontro, em uma pedagogia de proximidade humana (Baptista, 2005a, 2005b, 2006a), ancorada na caridade, no respeito e na hospitalidade.

A Pedagogia da Hospitalidade atrelada a arte do encontro surge na percepção do rosto a ser apresentado. Diferentemente do olhar que pode ser ameaçador ou hostil, o rosto é transcendência, abertura, história, identidade e visitação. “O rosto, como epifania revela e expressa a alteridade do *Outro* [grifo dos autores]. O rosto, em sua epifania, não é simplesmente aquilo que aparece em forma de luz, sensível ou inteligível(...)” (Síveres & Melo, 2013, p.40). Dentro dessa lógica, o outro promove liberdade, alteridade e acolhimento dentro do processo educativo. Aceitar o seu convite é acolher para além das aparências, é reconhecer que os rostos nos diferem e nos tornam únicos. Não há dúvidas, que falar de rosto nos abrem portas para um humanismo, para uma escola inclusiva e determinada para que a hospitalidade aconteça.

Quando pensamos em uma Pedagogia da Hospitalidade na esfera educação vem logo em nossas mentes a ideia de integração e inclusão escolar. Como elas realmente acontecem? Os(as) docentes entendem a Pedagogia da Hospitalidade como arte da relação e proximidade humana? Se a escola deve ser um espaço de encontro do “eu” com o outro, refletir tais questões são importantes para estabelecermos a ética da hospitalidade, do cuidado, da responsabilidade e da afabilidade. A Pedagogia da Hospitalidade cria na escola uma proposta

pedagógica assentada no outro e na arte do encontro, priorizando as relações humanas estabelecidas.

Então, através desse movimento de aceitar, incluir e transformar são criados caminhos, esses que se emaranham com a vida. “Assim, a educação pode ser compreendida como possibilidades de se criar encontros, uma arte dos encontros” (Reis, 2018, p.322). A educação se desprende da rigidez, dos desafetos, da exclusão e da aridez, para sentir os encontros, potencializando a mobilização entre as pessoas e os mundos, que lhe são interior e exterior.

Evocar a Pedagogia da Hospitalidade como arte do encontro no processo educacional é acreditar nos pilares da educação preconizados por Jacques Delors (2010) e tão fundamentais a educação do Século XXI. Dessa forma, a alteridade é assumida como pressuposto na virtude do reconhecimento que todos(as) estão percorrendo o mesmo caminho, mas com trajetórias diferentes dentro da educação. A cada passo dado marca a importância da proximidade, da afetividade, do respeito e da alteridade para que o desenvolvimento social e humano ocorresse.

Nesse sentido, o desafio da educação passa a saber enxergá-la sob um novo prisma que compreenda a identidade, a formação profissional e estabeleça a relação pedagógica como experiência do encontro. Convém assim, refletir sobre a construção do *ethos* docente enquanto palco ético (do rosto e da hospitalidade) e identitário na qualidade de Paradigma Relacional e de acolhimento.

A partir, destes entendimentos concluímos, sobre a necessidade de refletir a atuação do papel docente enquanto espaço de acolhimento e na generosa tarefa de educar. Em uma doação diária docente e aluno(a) se revelam e constroem uma trajetória possibilitando que o outro se revele em sua melhor qualidade. Destacar este tipo de realidade é encontrar um ritmo que priorize a aceitação, onde a prática pedagógica se constitua como arte do encontro, da reflexão e da interpelação humana, acreditando na docência como entrega ao acolhimento, a empatia e a tolerância, conceito o qual será visto a seguir.

3.2) A docência como experiência de acolhimento

Como salientado anteriormente, dentro da perspectiva da Pedagogia da Hospitalidade no âmbito educativo, a aprendizagem é permeada pelas relações humanas, onde o outro nos completa para exercemos o melhor de nós mesmo. Contudo, a escola deveria permitir o “enxergar” o outro possibilitando que cada sujeito desenvolva os máximos de suas capacidades, para que o saber, o ser, o pensar e o agir os insira na sociedade e na construção dos laços sociais.

Na construção do *ensinoaprendizagem*, então, seria preciso considerar a relação pedagógica não como um repasse de conteúdo, mas sim um espaço de construção de vínculos e afetos. Paulo Giovanni Rodrigues de Melo (2014) nos chama a atenção para o fato da Pedagogia da Hospitalidade nesse processo proporcionar uma aprendizagem que respeite e considere o(a) aluno(a) presente em aula proporcionando um ambiente dialógico, acolhedor, vivo, instigante, enaltecido e significativo. Nessa aprendizagem dialética todas as relações humanas são consideradas importantes para que o processo educativo seja harmonioso, solidário e respeitoso pelo outro e sua história.

A aprendizagem, a partir do dizer, deveria basear-se no respeito pela história e para que isso ocorra, seria necessária a existência da solidariedade, considerando as necessidades de todas as pessoas: educandos, professores e demais profissionais da educação, tendo como ponto de partida o reconhecimento do aluno como parte do processo educativo, buscando no consenso e na cooperação, a autonomia e a capacidade de iniciativas de forma dinâmica. (Melo, 2014, p.74).

Neste modo, percebe-se o papel da docência como experiência de acolhimento possibilitando a abertura do desenvolvimento dos educandos na construção de seus conhecimentos reforçando suas singularidades durante o processo. Ainda dentro dessa importância a aprendizagem como emancipação, liberdade e autonomia dos(as) alunos(as) necessita que o(a) docente convide seus(as) alunos(as) a autoformação como condição de edificação de seres completos, ou seja, cidadãos ativos, responsáveis e participantes na vida pública, econômica, social e política da sociedade.

Corroborando com essa ideia, Isabel Baptista (2017a) nos chama atenção para o fato da ação educativa pressupor prática de relação humana e respeito ao rosto em seu

acolhimento e em um perfil profissional docente que seja sensível, reflexivo, ético, hospitaleiro e responsável. Portanto, a educação é arte do encontro dos rostos e das suas almas, enquanto relação criam a possibilidade e o embelezamento de práticas de proximidade, onde cada pessoa seja valorizada e incondicionalmente aceita pela dignidade de ser aluno(a) e docente.

A arte pedagógica é, portanto, uma doação afinal o(a) docente pacientemente ajuda na construção do conhecimento de seus(as) alunos(as) em uma verdadeira caminhada compartilhada a três, “eu”, “tu” e “nós”. O(a) docente é convidado a ser prudente por aceitar atravessar uma jornada que não é sua e que requer autocontrole, aceitação e ética tendo, talvez, como fórmula mágica a sabedoria de transformar a obrigação escolar como um espaço de amor, cuidado e de aprendizagem. “Portanto, no horizonte da pedagogia da hospitalidade, professor e aluno passam a viver a experiência do comprometimento em reconhecer e legitimar o olhar do outro e a buscar que este empreende; passa a viver, assim, a experiência do desejo e da disponibilização incondicional de acolher e ser acolhido” (Oliveira, 2015, p.78).

Cabe à, educação a ressignificação da identidade docente para a construção de um desafio ético e uma atuação profissional de convivência e percepção do olhar do outro que seja inclusivo e agregador. Arthur Vianna Ferreira (2020b) salienta que outro deve ser o início e fim do encontro interpessoal ancorado pela hospitalidade, onde a alteridade é o caminho para atendermos as demandas dos sujeitos envolvidos e a reciprocidade vivenciada é a confirmação do processo pedagógico do encontro dos outros, que mutuamente almejam a presença do outro contribuindo para o processo educacional.

Na verdade, todos os sujeitos, docente e aluno(a), envolvidos em uma base de acolhimento estabelecem e garantem a manutenção do rico processo de empatia, alteridade e tolerância. Alicerçados na ética do encontro, os diferentes “eus” são justificados pela subjetividade, vivência e consciência que seu “eu” não mais egocêntrico habita um outro “eu” com realidades próprias em uma relação de pluralidade, descoberta e proximidade. Somos, assim, seres “estranhos” que se escolheram para criar um novo lugar e olhar onde a escuta e o diálogo estão presentes na realidade da aula. “A proposta de organizar a hospitalidade como local de encontro está enraizada como local de escuta do ‘estranhamento’ das/nas relações” (Ferreira, 2020a, p.22).

Ou seja, a capacidade de aceitação docente reflete na sua atuação sobre o outro. Em um desafio, ao mesmo tempo que são estabelecidos laços somos postos a prova de nos redescobrirmos à medida que atuamos e somos responsáveis pelo outro. Talvez, nos apropriarmos do conceito de hospitalidade ligado ao turismo entre anfitrião-hospede, nos ajude a compreender o real papel docente enquanto promovedor de acolhimento, de empatia, de autoajuda e de manutenção dos laços sociais.

Com efeito, também assume a importante tarefa de construção do lugar da escuta e das memórias, sejam elas do(a) docente ou dos(as) alunos(as). Quiçá, a ética da hospitalidade esteja assentada nesse sentido, de reviver acontecimentos passados os que fizeram chegar à posição de ser professor(a), onde a mudança, a emancipação e a liberdade possibilitem a elaboração de um projeto de *ethos* docente assente em valores de pensamento crítico, inclusão, reconexão, colaboração e garantia de novas formas de educar.

3.3) Lugares de memórias – desafios de *ethos* docente

Apreciar a memória docente perpassa por diferentes caminhos que levaram a construção da sua identidade profissional. Caminhos esses marcadas por uma longa jornada, com travessias que por vezes contemplar suas vivências enquanto alunos(as). Resgatar as memórias docentes é refletir sobre as práticas na/para/com a vida, em um processo natural de desenvolvimento do olhar atento para o cotidiano escolar, que valorizam a luta e a força do trabalho docente.

O sujeito docente se constrói ao longo da/na/com a vida em uma relação muito antes da escolha universitária. Enquanto profissional do/para o humano, o(a) docente possui a responsabilidade de legitimar sonhos, preparar para a vida, acolher ao mesmo tempo que acredita na educabilidade de seus(uas) alunos(as) e na sua profissão. Pensar, então, na formação docente é refletir na identidade profissional atrelada aos elementos sociais, históricos e culturais.

Nessa perspectiva, os(as) docentes devem ser eticamente responsáveis para o real desempenho das suas funções. A Pedagogia é um jogo construído a três, onde o(a) docente é apenas um guia, uma “autoridade pedagógica eticamente” investida que assume como compromisso o acolhimento das singularidades e dos rostos apresentados na relação

pedagógica. Aceitar tal hipótese perpassa pela valorização da Pedagogia como um saber prático de caráter deliberativo, integrativo e dialógico, se aproximando de uma racionalidade prudencial (Baptista, 2016b).

Aliando essa noção a hospitalidade desenhamos um *ethos* docente fundado em valores como prudência, encontro, cuidado, não-diferença, solidariedade, solicitude, atenção, aperfeiçoamento, orientação, sentido, racionalidade, conhecimento pedagógico, cortesia, tolerância, reconhecimento, verdade, acolhimento, cooperação, generosidade, escuta, respeito mútuo, ternura, transcendência, diálogo e bondade. A proximidade do “eu” com o outro implica na construção da confiança e na necessidade de aceitação do outro, sendo necessário que o(a) docente construa a experiência do acolhimento e da atenção.

A disposição para acolher, para ser hospitaleiro, representa, afinal de contas, a disposição para nos deixarmos ensinar. E uma identidade que se deixa ensinar, que aceita ser instruída pelo testemunho de outrem, é uma identidade que aprende a dialogar positivamente com a incerteza e o imprevisível, tornando-se desse modo numa identidade mais competente, mais sensível e mais criativa. (Baptista, 2017a, p.158).

Para a autora, a educação enquanto compromisso ético deve inculcar no seu interior a proximidade, o reconhecimento, a alteridade, a hospitalidade e a empatia. Embora, o caminho não seja uma tarefa fácil também não pode ser percorrido com indiferença ou descaso. Neste contexto, o(a) docente em um processo de (auto)hospitalidade aceita e respeita o outro com seus mundos e histórias. Essa consciência ética ocorre pela capacidade de enxergar os rostos que se apresentam, justificada pela hospitalidade presente em sala. Indissociável de uma experiência relacional a relação educativa valoriza o encontro dentro de uma Pedagogia onde os docentes deixam as suas marcas, assinaturas, rostos e compromisso.

O ser docente, nesse caso, passa a desempenhar a capacidade de ser afetado pelo outro, de responder a uma autoridade pedagógica que está atrelada ao afeto, a sensibilidade e a empatia, onde a “consciência ética pode gerar uma ‘inquietação reflexiva’, que pode ser essencial contra os dogmatismos, a arrogância e arbitrariedade, que moldam os moralismos e excluem as pessoas” (Sogayar, 2020, p.136). Nesse sentido, a existência de uma deontologia revela a criticidade e possibilidade de resolução de crises e problemas dentro da profissão.

eticamente, então, devemos questionar o papel da educação e do(a) docente no novo século, como um compromisso do “eu” com o outro. Na inquietude procurar responder e transformar o olhar dominante e excludente em um processo de respeito, fascinação e cuidado mútuo. Por meio dos rostos no processo pedagógico os protagonistas do *ensinoaprendizagem* são envolvidos na Pedagogia da Hospitalidade.

É oportuno realçar a constatação de que ninguém vive sozinho, portanto, ao mesmo tempo em que participam da ação educativa, devem partir para depois retornar. Esse é o espírito de pertencimento que somente se completa quando o ser humano se encontra como sujeito na relação de sujeitos, extremamente sensíveis com presença do outro. (Melo, 2014, p.81).

Deste modo, a ética docente procura revelar lugares, alimentar os encontros e escuta para a criação de espaços-sociais que sejam movidos pela consciência de uma responsabilidade humana (auto)acolhedora e (auto)hospitaleira. Na interioridade humana e no desafio de projetarmos uma nova intencionalidade pedagógica, a hospitalidade é posta à prova em sua capacidade de marcar o (auto)compromisso e a identidade. Se perante ao outro assumirmos o seu interior habitado por histórias, memórias, segredos, sentimentos, temores e sonhos (Ferreira, 2020a) o mistério para compreendermos a escola como lugar de hospitalidade perpassa, então, pela consciência da comunicação, do contato e da proximidade.

Em suma, desenhar um projeto de *ethos* docente povoa uma lógica de hospitalidade pautada no encontro livre entre seres que não esperam nada em troca de sua doação. Rompendo protocolos de exclusão e segregação a hospitalidade permite ao docente se redescobrir profissionalmente e pessoalmente. Acolhendo o(a) hospede em sua melhor versão e em uma relação de qualidade pautada na potencialização e no direito a subjetividade.

Conclusão

Os argumentos expostos ao longo dos capítulos anteriores nos conduzem a compreensão da educação como meta e valor de desenvolvimento humano do novo século e da nova Sociedade do Conhecimento. A educação passa a assumir um lugar de aceitação e ser um convite de abertura ao outro, respeitando suas marcas e seus rostos. Educar, portanto, acontece como uma preparação para/na/com a vida, onde o outro é visto holisticamente, ou seja, como um ser social, cultural e politicamente capaz de atuar na sociedade e no sentido da vida.

Nesse sentido, a Pedagogia da Hospitalidade atua na valorização docente e do(a) aluno(a), na construção de laços e em uma ação educativa capaz de perceber o outro. Mais do que reconhecer a escolarização as relações de proximidade tornam-se importante para que ocorra um processo de *ensinoaprendizagem* assentado no campo da hospitalidade, onde a Pedagogia é um caminho percorrido a três, “eu”, “tu” e o “nós”. Para tanto, o outro passa a ser o norte para que práticas mais acolhedoras, empáticas e tolerantes sejam criadas, onde o desafio docente seja desenhar um projeto pedagógico pautado na ética da hospitalidade, sendo, um *ethos* englobador, inclusivo e não segregante ou totalizante.

Movida pelo fato do outro não ser um espectador do processo de *ensinoaprendizagem* a primeira parte da pesquisa elucidou a importância da alteridade docente como prática de acolhimento e o papel da Pedagogia da Hospitalidade enquanto categoria relacional. O referencial teórico mostrou que a Pedagogia atrelada a hospitalidade é relevante para que ações inclusivas ocorram dentro do processo escolar, em um sentido de abertura, interesse, ardor e ternura.

Sendo assim, a verdadeira educação somente ocorre quando possibilita a educabilidade e o desenvolvimento humano provendo valorização individual, identidade e respeito. Este referente serviu como base para enxergar a hospitalidade como segredo dos laços sociais ao pressupor alteridade, empatia e a dádiva de aceitar o outro como realmente é. O outro, então, é visto pelas suas histórias, rosto, assinatura e merecedor de respeito, cuidado e digno de fala.

A hospitalidade na educação é assumida como encontro, presença e proximidade marcado pela relação pedagógica, onde os rostos retratam as histórias, as memórias, as falas,

as vivências e as afetividades, nesse sentido, ouvir, ver, escutar e compreender o outro sem julgamentos é importante dentro e fora do espaço escolar. Abraçar as diversas realidades que marcam o ser docente se faz relevante para entendermos o que se passa em aula sublinhando o trabalho desenvolvido como elemento principal de cuidado, ética e afetividade. Em um primado de alteridade aluno(a) e docente são convidados a experimentarem uma realidade baseada na troca, como apontado nos capítulos anteriores, onde os rostos tornam-se vivos, ricos e instigantes marcados pela assinatura de um sorriso e da obra de arte de serem únicos e singulares.

Trata-se agora de perceber em que medida estas dimensões éticas, decorrentes da aceitação do pressuposto da hospitalidade, enquanto valor fundamental do encontro humano, é percebida e vivida no âmbito da prática docente.

A atenção, portanto, do trabalho de investigação em seu estudo empírico, exposto na segunda parte, está em atrelar o respeito pela verdade de cada assinatura trazida em seus rostos, o que exige preocupação, sensibilidade, equidade e cuidado com cada pessoa. A contribuição, então, da pesquisa visa apresentar pelas narrativas docentes como a experiência da Pedagogia da Hospitalidade atua como arte do encontro nas aulas ao respeitar a verdade, promover a autonomia e a praticar pedagogicamente relações éticas, inclusivas e a criação de condições de (auto)hospitalidade.

2ª Parte – Estudo Empírico: *Narrativas Docentes*

Introdução

Como tentámos mostrar ao longo da primeira parte, o presente trabalho de investigação possui em sua base razões de ordem pessoal que se integraram as questões de partida da investigação. As inquietações ligadas à experiência profissional permearam a busca por respostas nos campos da hospitalidade, da relação pedagógica e do *ethos* docente. Essa missão criou um *puzzle* onde suas partes correspondem a valores pedagógicos e sociais importantes para o desenvolvimento de laços duradouros e redes de partilhas pelos sujeitos escolares.

Este caminhar provocou uma permanente reflexão de abertura ao outro e ao cotidiano escolar apresentado por meio da fala dos(as) professores(as). Desejamos provocar então, um debate acerca do espírito da educação, enquanto campo semeado e regado todos os dias pela diversidade vivida, sentida, praticada na vida. Um campo que nos traz a noção de que cada “eu” possui um pouco do “nós”, ou seja, uma noção que segundo a qual não existe o eu sem o coletivo onde as experiências tecem um conhecimento em rede.

Conhecer a dinâmica de relação pedagógica vivida nos cotidianos escolares pela voz dos(as) professores(as) foi a proposta da pesquisa desenvolvida, com o intuito de ver/ouvir/sentir/ler o mundo (Oliveira, 2007) a respeito das tessituras da inserção na educação. Refletindo sobre as incumbências de um(a) docente, em que medida os(as) professores reconhecem a Pedagogia como arte da relação ou arte da hospitalidade? Como os(as) professores(as) percebem a dimensão ética da sua profissionalidade associada às práticas de hospitalidade?

Os objetivos de investigação traduzidos em um guião (Anexo 2) que serviu como base para a produção das narrativas, funcionaram como categoria principais dando, posteriormente, origem à elaboração de um quadro de análise. Neste sentido, o primeiro capítulo é dedicado a justificativa da opção metodológica passando pelas questões e objetivos de investigação, as estratégias de seu desenvolvimento e os critérios para a análise dos dados. No segundo capítulo são apontados os contextos da pesquisa, ou seja, a caracterização

territorial e os sujeitos da pesquisa que serviram de base para a discussão dos dados. No terceiro capítulo foram descritos e analisados os dados da pesquisa, apresentando seu resultando final. O trabalho termina com uma conclusão apresentando depois as considerações finais respeitantes a todo o percurso de pesquisa e tentando evidenciar os resultados mais relevantes.

Capítulo 1 – Justificação da opção metodológica

1.1) Questões e Objetivos de Investigação

Relembrando a motivação e o elemento norteador da pesquisa, a busca pelo encontro da proximidade humana desempenhada através da Pedagogia da Hospitalidade em um encontro a três – o “eu”, o “tu” e o “nós”, se fez importante para pensar por meio das narrativas escritas docentes o caminhar construído nas aulas, bem como os rostos e os olhares que acolhemos nesse processo.

Sendo assim, foram eleitos como objetivos basilares do estudo empírico os seguintes:

- i) Identificar e analisar percepções dos(as) docentes sobre a Pedagogia como arte da relação ou arte da hospitalidade;
- ii) Identificar e analisar percepções dos(as) docentes sobre a dimensão ética da profissionalidade associada às práticas de hospitalidade;

Consoante ao que será visto a seguir, os objetivos acima citados serão utilizados como condição de análise dos dados críticos da pesquisa, com a finalidade de sustentar as categorias essenciais para o entendimento de um cotidiano escolar onde a ética e a hospitalidade caminham juntas, sendo oportunamente desdobrados em subcategorias de análise evidenciadas nas narrativas.

1.2) Estratégia de Desenvolvimento

Em conformidade com a questão de investigação e os objetivos enunciados, para efeitos do estudo empírico, optou-se por uma metodologia qualitativa com recurso as narrativas assinadas por um grupo de docentes brasileiros(as) de diferentes Estados: Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe, portadores de distintas formações académicas e atuantes em diferenciados segmentos da educação escolar.

Por razões de viabilidade e de temporalidade, a investigação foi desenvolvida no período entre julho e agosto de 2021. Em função da pandemia por Sars-CoV-2 (Covid-19) e da

opção de ouvir, ver, ler e sentir as diferentes realidades para a compreensão dos objetivos de estudo das práticas relacionais estabelecidas, utilizou-se como instrumento de recolha de dados o encontro online e o correio eletrônico. Sendo de salientar que foi feito um contacto pessoal prévio, de convite, de formulação de protocolo de colaboração e de apresentação de informações necessárias à obtenção do Consentimento Livre e Informado (Modelo – Anexo 1).

a) Encontro (*online*)

Devido aos tempos pandêmicos e a escolha de acolher diferentes realidades a parte inicial da pesquisa se constituiu pela realização de um encontro online de apresentação com os(as) docentes que aceitaram participar da investigação. O termo Encontro está sendo empregado para marcar proximidade mesmo que as conversas tenham ocorrido por vídeo chamada ou por trocas de mensagens.

Destaco que nessa primeira abordagem, o intuito era conhecer os(as) participantes e explicar como iria ocorrer a próxima fase. Esse ponto foi importante porque marcou o nosso primeiro contato podendo, assim, conhecer ou rever os rostos e as vozes que foram importantes para o desenrolar do trabalho. Era como se cada documento enviado selasse uma identidade, uma marca, uma característica e uma história.

O ato de conseguir marcar um encontro online atravessou algumas semanas devido ao período de férias e ao retorno do ano letivo. Mesmo diante de tantas cobranças, como reuniões, relatórios, planejamentos, infecções por Covid - 19 e protocolos de segurança devido a pandemia percebi a abertura e a disponibilidade de docentes que estavam dispostos a narrar suas práticas em um processo de proximidade e partilha.

Enquanto as conversas aconteciam percebia a flexibilidade, a empatia e o acolhimento em ajudar. Na verdade, a verdadeira Pedagogia da Hospitalidade já acontecia na troca dos olhares, dos rostos e do (re)conhecer, ou seja, na valorização da pessoa e do(a) docente apresentado sem pedir nada em troca. Para cada conversa tomei a liberdade de anotar três palavras que definiriam o encontro com o intuito de averiguar as primeiras informações acerca da pesquisa.

A escuta e o cuidado foram os alicerces para essa primeira parte da investigação, onde as narrativas orais deram voz ao que os(as) docentes gostariam de expressar nesse primeiro momento. Ressalto, que na primeira parte da investigação relacionada ao encontro online foram ouvidos(as) somente seis professores(as), pois um dos participantes a conversa aconteceu por meio de trocas de mensagens em um aplicativo de comunicação e presencialmente, devido a proximidade e por motivo de trabalho do mesmo.

Ao transpor essa experiência para a investigação juntamente com as palavras utilizadas pelos(as) docentes mostram um elo com a dimensão ética de seu trabalho e a Pedagogia enquanto viés da hospitalidade, como fica exemplificado no uso dos termos inclusão, empatia, respeito, tolerância, compromisso, memória, escuta, alteridade, reconhecimento e representatividade para narrar, mesmo que rapidamente, as realidades vivenciadas.

Importa, portanto, considerar as narrativas docentes enquanto mecanismo de voz, história, presença e memória. Ou seja, falar de narrativas remete a cotidianos, culturas, currículos e a subjetividades. Nas conversas são engendradas realidades diferentes, próprias e singulares, sendo esse o objetivo da pesquisa, abraçar múltiplos olhares que convergem entre si na construção de práticas mais humanas.

Ao focarmos nas conversas possibilitamos que o conhecimento narrado ganhe vida, espaço e individualização. Nessa sinfonia de vozes novas redes colaborativas são criadas potencializando uma prática escolar refletida, pensada e compartilhada onde o outro é formado pela construção coletiva e na sociabilidade.

Narrativas, como formas de dizer de nossas experiências, constituem-se tanto como expressões de uma subjetividade pré-individual como de processos de singularização e, sendo assim, são modos coletivos de individualização e enunciação e, desse modo, potencializam políticas de publicização do currículo ao valorizar vozes desautorizadas, assim, constituindo e/ou possibilitando outra forma de concepção de currículo, na medida em que possibilitam estilizar formas lineares de pensamento. (Ferreira & Carvalho, 2012, p.7).

Nas conversas possibilitamos, então, por meio do encontro online e até mesmo do guião, que será apresentado mais a frente, compreender os(as) docentes por meio das suas narrativas resgatando memórias, trajetórias pessoais e profissionais, sentimentos, lembranças, dilemas éticos e hábitos que constituem e formaram o seu(a) ser professor(a).

Portanto, a experiência compartilhada ampliou a nossa, me incluiu, bagagem de confrontar o presente, o passado e o futuro através do destaque e da valorização das histórias de vida.

b) Narrativas Escritas (NE)

Considerando a importância da proximidade, para efeito de inquirição de atores (professores/as) recorreu-se à narrativa, recolhidas por e-mail devido ao distanciamento físico tendo por base o guião em anexo (Anexo 2). Assim, após o encontro online os(a) docentes receberam um e-mail constando o Consentimento Livre e Informado, uma declaração da Universidade e o guião com três perguntas indiretas. Entendendo a dinâmica docente foi lhes concedido um período de quinze dias para responder as questões sobre a prática docente.

O objetivo foi enxergar o(a) docente como um(a) um(a) narrador (de conteúdos, de currículos, de memórias, de fatos, de experiências, das relações e das redes educativas) (Alves, 2021). Ou seja, ser docente é contar infinitas histórias repletas de memórias, por vezes boas ou más, que construíram o seu papel de educar. Procurou-se ter em conta o fato de estes(as) serem recetivos, elemento fundamental, para que transpusessem para o documento enviado toda a sua vivência que daria voz e rosto a investigação. Sendo aqui de notar, tal como surge sublinhado mais adiante, a forma, motivada e feliz, como os docentes se dispuseram a colaborar, sugerindo, desde logo, uma necessidade de se contarem, de serem escutados e acolhidos na sua palavra.

Com o intuito de salvaguardar o anonimato dos(as) participantes, em conformidade com os critérios éticos da pesquisa, cada docente recebeu um código de nomeação indo do D1, D2, D3, D4, D5, D6 e D7. Reconhecendo, portanto, como pilares da investigação o respeito, a sensibilidade relacional e a ética são adotadas como referenciais de boas práticas a Carta Ética da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (2014) e o Código de Ética e de Conduta da Universidade Católica Portuguesa (2015), ao que tange seu artigo 11º.

Foi, portanto, assumido pela investigadora enquanto comprometimento com o outro através da ética relacional o compromisso de expressar um comportamento ético, transparente e da manutenção da veracidade das informações. Assim, como a garantia da confiabilidade dos participantes, a desistência na participação e a prestações de informações da pesquisa sempre que solicitada, como uma responsabilidade a sociedade.

Nessa fase, após a elaboração dos códigos de nomeação fez-se o tratamento qualitativo das narrativas através da análise de conteúdos e dos critérios previamente edificados para a extração dos discursos e do alinhamento com os objetivos da pesquisa. Ressalto, que respeitando os valores, a ética, os seus comportamentos e as histórias as narrativas foram analisadas mantendo, tanto quanto possível, o distanciamento e as opiniões.

1.3) Estratégia de apresentação e discussão de dados

A estratégia de apresentação e de discussão dos dados corroboram com os objetivos definidos e assumidos como categorias de análise. Assim sendo, os resultados expostos bem como sua argumentação evidenciam as narrativas relevantes e pertinentes dos(as) docentes envolvidos(as) na pesquisa. A opção metodológica escolhida necessitou cuidado e atenção por parte da pesquisadora para que houvesse um afastamento e um controle da subjetividade na análise das narrativas, como foi dito.

Como salientado na primeira parte da investigação, o facto da pesquisadora ser docente e o trabalho nascer de uma inquietação sobre o campo da educação, foi assumido, dentro do possível, o papel de neutralidade perante ao narrado no encontro online e na conversa por meio do guião. Nesse sentido, mesmo habitando na educação escolar, a apresentação e discussão dos dados visa de maneira descritiva dar voz aos(as) docentes que participaram da investigação, por meio da valorização do seu discurso escrito repletos de experiências pedagógicas.

A conversa realizada por e-mail e com consentimento dos(as) participantes foi estudada, examinada e obedeceu aos critérios previamente determinados. Os seus registos foram salvos preservando o anonimato e o sigilo dos(as) docentes. Destaco, ainda que por uma opção de carácter investigativo não lhes foi explicado os termos “Pedagogia da Hospitalidade” e “Hospitalidade” para que não houvesse interferência nas narrativas escritas, o intuito era compreender as suas percepções acerca das temáticas atreladas a profissionalidade docente.

As três perguntas enviadas aos docentes assumiram como elemento norteador as suas memórias, formação docente e narrativas, presentes no Anexo 2. Foram elas: A) Recorde um professor(a) que o/a tenha lhe marcado de modo especial (positivamente ou negativamente)

e escolha 3 palavras para descrever essa “marca”. B) Recorde um aluno(a) que o/a tenha lhe marcado de modo especial (positivamente ou negativamente) e escolha 3 palavras para descrever essa “marca”. Justifique a razão da escolha. C) Se lhe fosse dada formação docente numa das áreas indicadas, qual delas escolheria? Justifique a razão da escolha.

A primeira e segunda questão constituíam de um resgate a memória, o que lhes marcou positivamente ou negativamente, uma lembrando de um(a) aluno(a) e outra de um(a) professor(a) em seu tempo escolar. Na terceira questão foi lhes proposto escolher dentre as opções ofertadas uma formação que gostaria de fazer e justificar a escolha. Nela poderia desvendar o que entende por Pedagogia da Hospitalidade, Relação Pedagógica, “Autoridade pedagógica e relação colegial” e Identidade Profissional Docente. Com o intuito dos(as) docentes terem um espaço de escrita livre, ou seja, um lugar que pudessem transpor para o papel aquilo que desejassem foi criado as observações finais, um recurso opcional para as suas falas enquanto contribuição ao tema.

As perguntas, dessa forma, poderiam obedecer aos critérios memória, ética, práticas relacionais e formação docente segundo os objetivos da investigação. A primeira e a segunda perguntas estão atreladas por meio da lembrança a práticas relacionais pautadas na hospitalidade, na Pedagogia da Hospitalidade e na ética docente. A terceira questão reflete as dimensões éticas da profissionalidade docente enquanto formação e espaço de prática mais humanas e hospitaleiras

Não poderia deixar de retratar o processo surpreendente de aproximação e apresentação da investigação, por meio da disponibilidade e da abertura de conhecer e lembrar suas antigas vivências. Assim, os(as) docentes foram selecionados de acordo com o segmento da educação que atuavam, no caso da Educação Infantil ao Ensino Médio, mostraram em todo processo atenção, respeito e hospitalidade. Na verdade, tive ricos (re)encontros nesse caminhar revivendo a minha própria experiência enquanto aluna, pois tive a oportunidade de conversar com um ex-professor, um dos que me motivou a ser pedagoga, pois suas aulas fugiam a estrutura tradicional proposta pela escola.

Além desse fato, por si só emocionante, pude dar voz a outros colegas e sentir a necessidade que nós professores(as) temos de sermos escutados e a narrar nossas práticas em uma rede de colaboração. A Pedagogia de proximidade humana, como nos aponta Isabel Baptista (2006) em um dos seus textos surgiu na pesquisa como o mastro que conduzia as

aprendizagens e a formação docente dada na/com/pela vida. Ter, portanto, a possibilidade de ouvi-los(as) foi o rico presente dessa dissertação trazendo beleza e encantamento a cada fala retratada com verdade e respeito a pessoa humana.

Nesse caminhar, optou-se ao discutir os dados em elaborar uma análise diferente que não obedecesse a gráficos e tabelas atrelados com os objetivos propostos, mas uma estrutura que mantivesse a ideia da conversa e do diálogo. Sendo assim, as narrativas escritas ganharam vida e força ao longo do terceiro capítulo articuladas com os referenciais teóricos. Por meio de uma nuvem de palavras foi destacado os termos narrados e apontados pelos(as) docentes e que nos dão pistas para compreender o tema da investigação, passando por seus objetivos e questões.

Destaco, nesse sentido, que todas as narrativas foram usadas em sua integralidade respeitando o facto que alguns(mas) escreveram brevemente ou não as questões. Além disso, a pesquisadora optou em fazer uma análise das respostas que não fizesse uso de programas de computador por acreditar na essência da conversa e no poder não linear das palavras.

Separar suas vivências narradas em tabelas com critérios talvez as reduzissem e as aprisionassem, como busco a liberdade, o pensamento, o diálogo e a formação profissional decidi libertá-las entendendo que as vozes da educação obedecem a arte do encontro e do poder de transformação das vidas. Como toda a pesquisa exige o interrogar-se acreditei que o caminho criado permitiu o enxergar a memória docente com respeito, alteridade, afeição e hospitalidade.

Capítulo 2 - Contextualização de Pesquisa

2.1) Contexto da pesquisa: Brasil

A pesquisa desenvolvida em território brasileiro foi formada por sete docentes de quatro Estados diferentes: São Paulo, Rio de Janeiro, Sergipe e Santa Catarina, pertencentes a três regiões brasileiras diferentes: Nordeste, Sudeste e Sul. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o território brasileiro é construído por uma área de cerca de 8.510. 345, 538 km², tendo uma estimativa de 213.636.066 habitantes (setembro de 2021). Sendo considerado o maior país lusófono do planeta, além de possuidor de multiculturalidade e de etnias diversas, oriundas das imigrações.

O quinto maior país do mundo em área territorial é considerado o superior da América Latina e da América do Sul. É delimitado ao Norte pela Venezuela, Guiana, Suriname, a Noroeste pela Colômbia, a Oeste pela Bolívia e pelo Peru, a Sudoeste pela Argentina e Paraguai e a Sul pelo Uruguai. Banhado pelo Oceano Atlântico, alguns arquipélagos fazem parte do território brasileiro, como: Fernando de Noronha, Atol das Rocas, Arquipélago de São Pedro e São Paulo e Trindade e Martim Vaz.

Figura 1 - Mapa do Brasil



Fonte: <https://www.gestaoeducacional.com.br/mapa-do-brasil-estados-capitais/>

A economia brasileira impactada pela pandemia desenvolve negócios nos setores primários, secundários e terciários, destacando atualmente os ramos farmacêuticos, automobilísticos, eletroeletrônicos, têxtil, energético e a agroindústria. Dentro os estados os considerados com maior participação no Produto Interno Bruto (PIB) são: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pará e Rio Grande do Sul, conforme a matéria publicada no Portal da Indústria.

A educação segundo a Constituição Federal de 1988 e a Lei nº 9.394/1996 de 20 de setembro de 1996, denominada Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) agregam a União, aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios a organização e gerenciamento dos sistemas do ensino, sendo necessário a garantia de seu acesso a todos(as).

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) divulgou em 2010 dados que relatam a situação dos(as) docentes no Brasil informando que a remuneração inicial de um professor de educação infantil é vinte vezes inferior à de um juiz, segundo matéria publicada em 22/11/2010 no site do INEP, que nos leva a refletir sobre a valorização profissional docente.

Além desse fato, o Censo Escolar de 2020 aponta para uma redução de 1,2% nas matrículas no Ensino Básico (formado no Brasil por três etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), segundo informações divulgadas pela Agência Brasil. Ainda de acordo com essa fonte no território brasileiro existem 179.533 escolas de Educação Básica sendo o primeiro lugar em matrículas em 2020 a rede municipal (48,4%), em segundo a rede estadual (32,1%), em terceiro a rede privada (18,6%) e a rede federal em quarto (1%).

Com relação aos(as) docentes é indicado o registro de 2,2 milhões e 161.183 diretores atuantes na Educação Básica, destacando uma maior concentração nos anos iniciais do Ensino Fundamental e um maior número de mulheres a exercer o cargo. Por fim, em conformidade com a análise do Censo Escolar de 2020 divulgado pela matéria da Agência Brasil somente 85,3% dos(as) docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental possuem o curso superior completo e em um estudo comparativo entre os diretores um em cada dez dispõe o curso de formação continuada em gestão escolar (mínimo de 80 horas).

No Brasil, então, ao longo dos anos surgiram vários movimentos em prol de uma educação voltada para a mudança social, sendo assim as leis como a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 em seu artigo 205 garante a educação como um direito de

todos(as) assegurado pelo Estado e pela família enquanto mecanismo de desenvolvimento humano, social e um bem necessário para o exercício da cidadania e do trabalho profissional (Brasil, 1988). A LDB dentre outros tópicos destaca em seus artigos 61 e 62 a formação profissional docente reconhecendo que para ser professor(a) deverá seguir a legislação vigente, como fica evidente na redação:

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:

I- professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio;

II- trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como títulos de mestrado ou doutorado nas áreas;

III- trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim;

IV- profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada ou das corporações privadas em que tenham atuado, exclusivamente para atender ao inciso V do caput do art. 36;

V- profissionais graduados que tenham feito complementação pedagógica, conforme disposto pelo Conselho Nacional de Educação. (...)

Art.62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (...).

(LDB nº 9.394, 1996, pp.42-43).

Como fica evidente na lei citada a formação profissional docente e formação docente prevê ensino na área da educação (licenciatura ou ensino médio na modalidade normal), aperfeiçoamento contínuo, associação entre teoria e prática e aproveitamento das experiências anteriores como fundamentos da formação dos(as) profissionais da educação. Nesse sentido, o Conselho Nacional de Educação (CNE), em 2002 constitui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em cursos de nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, prevendo em sua redação princípios que visam à melhoria da qualidade educacional pela realização das reformas curriculares.

Art. 1º - As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, se constituem de um conjunto de princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados na organização institucional e curricular de cada estabelecimento de ensino e aplicam-se a todas as etapas e modalidades da educação básica. Art. 2º - A

organização curricular de cada instituição observará, além do disposto nos artigos 12 e 13 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), outras formas de orientação inerentes à formação para a atividade docente, entre as quais o preparo para:

- I. o ensino visando à aprendizagem do aluno;
- II. o acolhimento e o trato da diversidade;
- III. o exercício de atividades de enriquecimento cultural;
- IV. o aprimoramento em práticas investigativas;
- V. a elaboração e a execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares;
- VI. o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores;
- VII. o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe.

(CNE, 2002, pp. 61-62).

Percebemos que na lei a formação profissional docente é autorizada por duas instituições: as Universidades e os Institutos Superiores de Educação, voltados para a formação de profissionais da área da educação. Atrelando com a pesquisa desenvolvida os participantes, como será visto a seguir, possuem formações em campos distintos passando da formação de professores ao mestrado, o que possibilitou aprender que precisamos enxergar a prática docente como uma área repleta de conhecimentos, trocas, ousadias e diversidades.

2.2) Caracterização dos(as) participantes

Como citado no capítulo anterior, os(as) docentes que constituem o foco dessa pesquisa são de regiões diferentes do Brasil, com idades e formações distintas. Optou-se, então por caracteriza-los, em uma perspectiva global, cada um desses grupos envolvidos com a intenção de melhor apresentá-los. Assim sendo, os(as) participantes possuem idades variadas e são constituídos majoritariamente por mulheres.

Ressalto que devido a pandemia por Sars-CoV-2 (Covid-19) o número de participantes esteve reduzido a sete docentes que se disponibilizaram a participar mesmo que a distância. O número de participantes teve que ser alterado no decorrer do estudo empírico devido a disponibilidade, por parte docente e sua carga de trabalho ou por contrariem a doença. Portanto, os quadros a seguir apresentam a descrição dos sujeitos envolvidos na investigação.

Quadro 1 - Caracterização dos(as) participantes

Código da Pesquisa	Gênero	Idade	Estado
D1	Feminino	51 anos	Rio de Janeiro
D2	Feminino	30 anos	Sergipe
D3	Feminino	31 anos	Sergipe
D4	Feminino	39 anos	Santa Catarina
D5	Feminino	31 anos	Rio de Janeiro
D6	Masculino	43 anos	São Paulo
D7	Masculino	35 anos	Rio de Janeiro

Fonte: Pereira, 2021

Como pode ser verificado os(as) participantes possuem idades entre trinta e cinquenta e um anos e são residentes de Estados diferentes. A escolha por abraçar essa diversidade se deu pela necessidade de mostrar as múltiplas realidades enfrentadas pelos(as) docentes em sua região. O que nos proporcionou um panorama das histórias e das redes educativas reais e com olhares e em lugares variados.

Com tempos diferentes de atuação docente, indo do início da carreira a sua “experiência”, o grupo analisado trabalha dentro da educação básica em etapas distintas. Alguns relataram que desempenha a docência em mais de uma área, ou seja, Educação Infantil e Ensino Fundamental I ou Educação Infantil e Ensino Médio. Saliento, que a D5 informou executar atividades além dos espaços escolares, com aulas de ensino de línguas, conforme pode ser verificado no Quadro 2.

Quadro 2 – Caracterização do tempo de docência e da Etapa da Educação Básica que os(as) participantes atuam

Código da Pesquisa	Tempo de Docência	Segmento que atualmente atua
D1	mais de 20 anos	Ensino Fundamental I
D2	9 anos	Educação Infantil
D3	14 anos	Educação Infantil e Anos Iniciais [Ensino Fundamental I]
D4	19 anos	Educação Fundamental II
D5	10 anos	Educação Infantil, Ensino Médio e Ensino de Línguas
D6	23 anos	Ensino Médio
D7	15 anos	Ensino Fundamental e Ensino Médio

Fonte: Pereira, 2021

No Quadro 3 podemos verificar as formações dos(as) docentes da investigação passando por formação de professores, pedagogia, biologia, licenciatura e bacharelado em história, bacharelado em antropologia e licenciatura em matemática, português, francês e inglês. Destacando que dois dos(as) participantes possuem mestrado, sendo um em Educação e outro em História Moderna.

Quadro 3 – Caracterização da formação dos(as) participantes

Código da Pesquisa	Formação
D1	Formação de Professores
D2	Licenciatura em Pedagogia
D3	Licenciatura em Pedagogia
D4	Biologia, Mestrado em Educação e Bacharelado em Antropologia
D5	Licenciatura em Português, Francês e Inglês
D6	Licenciatura e Bacharelado em História, Especialização e Mestrado em História Moderna e Licenciatura em Pedagogia
D7	Licenciatura em Matemática

Fonte: Pereira, 2021

Tendo como elemento norteador os objetivos citados anteriormente, refletir sobre os(as) docentes participantes da investigação torna-se fundamental para o entendimento das práticas sustentadas e desempenhadas em sala. Enquanto maior categoria profissional do Brasil, o(a) docente produz coletivamente o conhecimento através da potencialidade de seu trabalho, pois segundo Olmira Bernadete Dassoler e Denise Maria Soares Lima “a profissão docente é um renovar-se todos os dias” (2012, p.7).

Assim, o(a) professor(a) é uma pessoa que perpassa cursos de licenciatura ou formação de professores, visto que é um profissional do/para o humano. Por sua vez, encontramos várias dimensões do que é ser professor(a) através da motivação, da inovação, do progresso, de diferentes práticas e do resgate aos sonhos, as memórias e as falas compreendendo, sempre, no compromisso com a transformação social e no desenvolvimento humano. Portanto, abarcar na pesquisa realidades distintas foram fundamentais para dar voz as aprendizagens docentes por meio das suas narrativas escritas, já que elas são um mundo de boas histórias, onde as palavras nos tornam detentores e empoderadores do outro.

Capítulo 3 – Pedagogia da Hospitalidade e *ethos* docente

3.1) Pedagogia como arte do encontro ou arte da hospitalidade

Desenvolver uma pesquisa em tempos tão incertos e inseguros nos fez refletir sobre o poder da Pedagogia da Hospitalidade e do encontro enquanto espaço de interação, integração, força, participação e voz. Chegar até o resultado final das Narrativas Escritas (NE) docentes foi uma tarefa árdua, onde a escuta e o cuidado foram os combustíveis para a motivação. Enquanto pesquisadora tentei manter o distanciamento não me envolvendo, mas como estar distante ao receber mensagens informando que estavam com Covid-19 ou em duplas jornadas de trabalho, e que mesmo assim gostariam de participar? Nesse momento, o lado cuidadora entrou em ação por meio de mensagens de ajuda e abraços virtuais. Assim sendo, novos olhares, novas medidas e novas necessidades me fizeram iniciar a escrita desse capítulo diferentemente dos demais.

A aproximação marcada entre pesquisador e pesquisado possibilitou a construção de novas experiências que foram vividas, sentidas e compartilhadas durante essa fase de investigação. Enfrentar os desafios impostos também fazem parte das pistas e das histórias, essas que ficarão na memória por meio de uma nova forma de narrar. Analisar essas histórias de vida e esses acontecimentos e sentimentos possibilitou a edificação de uma pesquisa pautada e refletida no trabalho docente, marcado por fragilidades e desafios.

Nessa perspectiva, Wittizorecki et al. (2006, p.10) nos chama atenção para o facto da narrativa marcar a experiência humana, pois por meio dela nos expressamos e nos interrogamos. “Narramos fatos, feitos, fenômenos. Vale dizer que os textos científicos também se constituem, de forma elaborada, coesa e parametrizada, em narrativas: narram descobertas, compreensões, interpretações, recomendações. Portanto, narrar é uma dimensão fundamental de comunicação humana e atribuição de significado ao mundo”.

Logo, a narrativa está presente na formação ao longo da vida, no ato de narrar o dia a dia assentado na descoberta de si e do outro. Por meio das palavras, os fios são unidos formando novas redes de conhecimentos, importantes para sermos quem somos e, assim

aceitarmos o outro como ele é. Palavra, então, é experiência, aquilo nos toca e toca os outros. É informação, é saber, é (re)leitura, é ética, é relação, é verdade, é abertura, é história e é hospitalidade.

Atrelar o poder das palavras as narrativas docentes marca o pensar e refletir a educação como um lugar marcado de saber e vivência. Trazer as narrativas docentes em um momento tão delicado que a sociedade no século XXI sobrevive explora a capacidade estética, ética e reflexiva de comprometer a educação sobre um novo viés, por meio das partilhas. Talvez nesse sentido, nasça o real poder das palavras, corroborando, com a ideia de Jorge Larrosa

e isto a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidade e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (2002, p. 20-21).

Nessa lógica, as palavras criam sentidos e realidades, por vezes, (i)mutáveis. Portanto, pensar na sua não neutralidade e na capacidade do ser humano não refletir por sua inteligência, mas por meio delas faz-se o norte da pesquisa. Dessa forma, narrar possibilita a criação de um “sujeito de experiência” (Larrosa, 2002), que se expõe e vai de encontro ao outro buscando novas oportunidades. Em face ao exposto, o método adotado na pesquisa em educação visa evidenciar a voz desses sujeitos focando em suas subjetividades e na experiência como um local de histórias e (re)afirmação (Oliveira, 2017).

A pesquisa com narrativa na educação marca sobretudo a continuidade, a interação, o compromisso, a memória e o (re)inventar. Esse no movimento de deslocar-se, de resgate e projeção. Na temporalidade humana as aprendizagens contam as histórias de vida, na verdade a nossa história de vida. Entre tantas teias e emaranhados a metáfora da narrativa está pautada na hospitalidade por meio do relacionar-se, onde os sujeitos são vistos de forma holística, sendo conduzidos a uma (re)configuração de si para compreensão do outro. “Nessa perspectiva, experiências são as histórias que as pessoas vivem. As pessoas vivem histórias e

no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias” (Clandinin & Connelly, 2011, p. 27).

Somos modificados e modificamos o outro à medida que narramos nossas vivências. Narrar é então empoderamento, (re)significação, (re)viver, (re)contar, fala e hospitalidade. Buscar tirar a capa ou o véu que cobre o cotidiano por meio das palavras e dos textos faz-se necessário para compreendermos, principalmente o cotidiano escolar, em seu mundo particular em um viés de igualdade, respeito, alteridade, empatia e solidariedade.

Entendemos essas escritas como presentes nos cotidianos das vidas dos praticantes/escreventes das escolas e por isso, atuamos no sentido de evidenciar a importância de (re)alfabetizarmos-nos por meio da leitura e estudo dessas escritas negadas que habitam o mundo das escolas e das pesquisas que sobre elas se debruçam, para podermos ampliar nossa (jamais completa) compreensão das criações cotidianas de currículos pensados/praticados, das produções de sentidos da vida e dos saberes/fazeres que habitam nossas escolas, lendo este mundo sussurrante, que transborda os gritos dos poderosos, fazendo-se presença. Sujeitos e conhecimentos escreventes estão nos espaços/tempos escolares e precisam e merecem ser narrados e narrarem-se. (Oliveira, n.d, p.02873).

Pressupõe, portanto, olhar para o outro com uma nova lente, sem julgamentos ou injustiças, mas com igualdade e na integralidade. Em consonância, a autora nos mostra a importância da pesquisa das narrativas docentes como um espaço de doação ao permitirmos a fala, por meio da escrita. Nela os(as) docentes em seus textos transcrevem as trajetórias do cotidiano escolar, colocando seus sentimentos e os mundos que habitam. Logo, o trabalho das narrativas no campo da educação permite uma aproximação, seja ela pesquisador e pesquisado(a), e um entendimento acerca da construção das experiências. O seu uso decorre da necessidade de falar com a escola ao invés de falar sobre ela (Lima, Geraldi & Geraldi, 2015) produzindo sentidos diferentes, onde o sujeito é autor e coautor. Escritas neste sentido, e como nota uma das participantes (D5) refletem a importância do trabalho com narrativas.

Acredito muito na educação com respeito. Quero agradecer pela oportunidade de participar da sua pesquisa e poder contribuir, ainda que minimamente. (D5)

O poder de acreditar em uma educação transformadora a faz pensar o quanto é necessário ser escutada, ouvida por meio das suas histórias. Narrar concede autoria, assinatura, rosto e marca. O mundo ganha novas lentes, pontos de vistas e nos revela e também desvela o rosto e o coração do outro. Ao agradecer a oportunidade de participar da pesquisa vemos o quanto é precioso notar o outro e fornecer a oportunidade de escutá-lo. Na polifonia do cotidiano abraçamos acontecimentos, a medida que escutamos as diversas vozes, como fica evidenciado na narrativa docente destacada.

As narrativas proporcionam liberdade ao permitir, como exposto no texto destacado, a exposição e a abertura por meio da escrita enquanto compreende suas ideias, ações, limitações e considerações (Lima, 2017). Deste modo, o caminho metodológico escolhido permite analisar a si próprio em um processo de (auto)aceitação e (auto)hospitalidade. Obviamente, as narrativas escritas permitem investigar o outro através das suas histórias e discursos. O agradecimento deixado pela docente confirma a importância do trabalho das narrativas na educação, onde pesquisador e pesquisado unem-se para “confrontar” ideias, sentidos, modos e opiniões por meio do texto. Na verdade, Samantha Dias de Lima (2017) afirma que ao pesquisarmos nos autoapresentamos a investigação, assim como ela faz o mesmo, para compartilhar perspectivas e produções.

Lendo as narrativas escritas percebi o quanto os textos marcam a potencialidade da educação e do reconhecimento de uma classe. Neste caso, no sentido de transformação social, empoderamento, de retomada, de conscientização e de consciência. Percebe-se nas escritas relatos que reconhecem a magnitude do trabalho docente, como um ato ético, político, pedagógico, social e de comprometido com o outro. O desafio de dialogar com as diversas vozes cria, então, redes de conhecimentos, aprendizagens e experiências ao *versentirouvir* os outros. Ao compartilhar as suas trajetórias os(as) docentes reflexionam o desejo por uma educação acolhedora e transformadora.

Agradeço o convite e almejo sucesso na pesquisa realizada. Seja sempre entusiasta e acredite na educação transformadora e acolhedora. (D1)

Ao almejar uma educação hospitaleira por meio de seu texto, a docente acredita que o poder das palavras é a força para modificar o sistema por vezes estruturante e modelador

que temos nas escolas. Transformar as práticas pedagógicas é um processo coletivo por meio de diálogo para que as velhas medidas sejam desestabilizadas e as novas sejam compreendidas e enxergadas. Nesse desafio de dialogar, docentes se (auto)constroem por meio da memória e da fala refletida em seus textos. Ou seja, as narrativas escritas compartilhadas permitiram a reflexão de suas práticas e um resgate ao passado. Em seus textos, os sujeitos da pesquisa criam a possibilidade de pensar sobre e com o outro. Dessa forma,

significa produzir um texto marcado pelo movimento de vozes que se atravessam, e ao se atravessarem provocam umas nas outras mudanças de rumo, mudanças de perspectivas. Que ao se atravessarem vão formando uma trama que não se submete ao nosso cartesiano de desafiar o real para encontrar-lhe as pontas e assim arrumá-lo em nosso carretel. Vozes que ao se cruzarem e ao se encontrarem, provocam novas experiências umas nas outras, deixam marcas. (Serpa, 2010, p. 55).

Trabalhar então com as narrativas docentes é deixar marcas ao possibilitar que suas vozes ganhem destaque à medida que consideram a assinatura do outro. A presença de amorosidade rompe antigas crenças para que a “ousadia” no trabalho docente seja pautada pela presença e pelo acolhimento. Apesar de vivermos em um mundo onde a regra faz-se presente, os sujeitos aos narrarem podem burlá-la para criar situações cotidianas que as reinventem, “pois, a maneira de caminhar está intimamente articulada a maneira de fazer” (Certeau, 2007, p.35). Isso significa a possibilidade de pensarmos e refletirmos nos espaços escolares pautado em uma Pedagogia baseada no afeto, na abertura do outro, no acolhimento, na empatia e na interação.

Acreditando na hospitalidade, no diálogo e no fato que ao compartilharmos com o outro aprendemos, não poderia aprisionar suas falas tão ricas e que nos trazem tantas pistas, pois as palavras são carregadas de significados, autoria, empoderamento e potencialidades. Ao narrarmos compartilhamos histórias, memórias, sentimos e ouvimos a nós e aos outros. Enquanto pesquisadora optei em dar liberdade as narrativas escritas para que conversassem com os referenciais teóricos acerca da temática atrelado aos objetivos de investigação. Na verdade, o próximo capítulo, acredita no poder das palavras e na sua força de transformação.

Quando nos aventuramos pelos tortuosos caminhos de pesquisar com o cotidiano, e não sobre ele, enfrentamos muitas encruzilhadas, algumas armadilhas e certos

desafios. Negamos a “coisificação” que transforma os sujeitos em objetos e a arrogância que transforma o pesquisador em soberano defensor do estatuto da verdade produzida por uma realidade única e inexorável, nos obriga a enfrentar que mergulhamos em um rio de águas profundas sem saber exatamente o que esperar do que vamos encontrar. As águas são turvas, as correntezas imprevisíveis e as certezas que usamos como salva-vidas, muitas vezes não nos salvam, ao contrário, algumas vezes até nos arrastam para o fundo. (Serpa, n.d, p.1)

Como um convite e compreendendo os caminhos do cotidiano escolar com as suas dinâmicas com fragilidades, desafios e trajetórias únicas, o chamado deixado a análise das narrativas presente no próximo capítulo é para que possamos partilhar experiências, reflexões, verdades e momentos únicos, que fizeram o trabalho de investigação nascer das diversas vozes que aceitaram abrir suas aulas e corações para que as minhas argumentações atreladas ao(a) dos(as) docentes fossem capazes de construir um texto sentido, vivido, compartilhado pelo o que é o ato de educar, para que pudesse por meio do encontro e dos reencontros com os(as) meus(minhas) colegas de profissão provocar experiências, marcas e, sobretudo, aprendermos a importância do outro nas nossas vidas. Percebendo que a Pedagogia é arte do encontro, conosco e com o outro. Em um viés de hospitalidade a intencionalidade pedagógica atua na construção de lugares de acolhimento, fala, representatividade, abertura, conforto e aceitação. Assim, alunos(as) e docentes falam à medida que escutam o outro.

3.2) Dimensão ética da profissionalidade associada às práticas de hospitalidade

A contemporaneidade marcada pelo desafio ético de uma educação de/para todos(as) assume como pressuposto os degraus de progresso e evolução, sendo um ato de amor, liberdade, justiça, inclusão e acolhimento. Compete, então, à educação do século XXI a formação holística da/para/com/na vida, a fim de garantir a participação ativa, consciente e a construção de um novo modo de enxergar o(a) aluno(a), onde o seu desenvolvimento e ritmos são respeitados.

Assim sendo, Jacques Delors (2010) atribuiu a educação como uma utopia necessária para que a humanidade melhorasse e assim propiciasse o melhor de cada indivíduo. Pois, “em época de tensões mundiais acirradas, quando os direitos humanos, a liberdade de expressão,

a paz e o próprio futuro do planeta talvez pareçam mais ameaçados do que nunca, o poder transformador da educação é de importância crucial” (O correio da UNESCO, 2018, p. 3).

Dessa forma, a educação em seu sentido amplo modifica sonhos, realidades, projetos e possui a importante tarefa de guiar para vida. Se cotidianamente somos cercados de experiências faz parte também do contexto educacional refletir as trajetórias e (re)viver as realidades do percurso da vida. Dentre as narrativas a professora D3 nos mostra o quanto acreditar no poder da educação possibilita a criação de novos caminhos dentro dela, visto que cabe ao(a) docente a rica missão de potencializar ideais, sonhos e objetivos.

Acredito e defendo que a EDUCAÇÃO [grifo da docente] transforma vidas! (D3)

A sua narrativa marca o crer em um futuro melhor para seus(uas) alunos(as) e na garantia de ferramentas para que possam interpretar e vivenciar as novas experiências, ressaltando a palavra educação estar em letras maiúsculas, dada talvez pela necessidade de mostrar a sua importância dentro da sociedade e das nossas vidas. A “pessoa” docente, então, se envolve no universo dos(as) seus(uas) alunos(as) enfrentando desafios, dilemas, mas provocando diálogo, mutação, flexibilidade, escuta, atenção, proximidade e vivência. Enquanto agente do humano cria memórias, interlocuções, admiração, engajamento e enxerga que o ato de ensinar por vezes extrapola o espaço escolar.

Manifesta-se a necessidade do(a) docente acreditar no poder da educabilidade de seus(uas) alunos(as) para que por meio do ato de educar possa valorizar as singularidades em suprimento das carências. “A arte pedagógica consiste em saber transformar a obrigação da frequência escolar num permanente convite à aprendizagem” (Baptista, 2017a, p.152). Educar é recriar o olhar de dentro para fora, é intervir no desenvolvimento e na liberdade de cada educando (Baptista, 2017a) e é repensar o espaço de aula como um lugar de respeito, acolhimento, empatia, reciprocidade, sensibilidade e diálogo, presentes na Pedagogia. Mas, requer a arte de enxergar, de provocar, de ir ao encontro, de abraçar, de transformar, de potencializar e de perseverar.

Esse sentido ético e de respeito deve ser mantido pelo(a) docente como um processo de (auto)questionamento e (auto)reflexão de seus atos (Couto, 2015), pois só aproximar-se do outro requer pensar e acolher nossas individualidades e singularidades. Diante disso,

resgatar as memórias docentes em suas narrativas funciona como uma oportunidade de recuperar o passado, as marcas deixadas pelos seus(as) alunos(as) e professores(as). O processo de se (auto)hospedar permite refletir métodos de *ensinoaprendizagem* que fizeram parte da sua vida enquanto aluno(a) e está presente enquanto docente, pois a sua formação é dada na vida e ao longo da sua trajetória (Oliveira & Bulhões, 2012).

Resgatar as memórias docentes é um importante passo para compreendermos as práticas que ficaram guardadas em seus corações, sejam elas boas ou ruins, pois a medida que criam as suas enquanto docente recuperam as suas diferentes trajetórias escolares. Assim, o desenvolvimento de seu olhar é visto como uma possibilidade de compreensão da realidade na qual viveu, trata-se, de expressar a relação construída no processo de *ensinoaprendizagem* diário, por meio das histórias e de *espaçostempos* compartilhados e vivenciados.

Na pesquisada os(as) docentes ao serem questionados sobre um(a) professor que lhe houvesse marcado de modo especial, seja positivamente ou negativamente, em seu tempo escolar descrevendo essa “assinatura” em três palavras conseguimos perceber a força e a potencialidade da figura docente e a conexões estabelecidas no processo pedagógico, conforme fica evidenciado na Figura 2 e nas respostas docentes.

Figura 2 – Nuvem de palavras sobre a memória docente em seu processo escolar



Fonte: Pereira, 2021

Acolhimento, Atenção e Dedicção. (D1).

Domínio, Atenção e Cuidado. (D2).

Acolhimento, Dedicção e Sabedoria. (D3).

Carinho, Atenção e Doçura. (D4).

Acolhedora, Humana e Inteligente. (D5).

Fantástico, Sábio e Didático. (D6).

Inteligência, Postura e Vocação. (D7).

As palavras destacadas como acolhedora, humana, dedicação, domínio, cuidado, carinho, atenção, doçura, postura, sábio, vocação, inteligente, didático e fantástico salientam a importância da educação como um compromisso ético (Baptista, 2005a). Analisando as palavras citadas pelos(as) docentes percebemos que acolhimento, atenção e dedicação são salientadas em mais de uma resposta. Basilares na Pedagogia da Hospitalidade elas refletem o poder da educação pautada no afeto e não nas dicotomias.

Assim, a relação pedagógica narrada pelos(as) docentes indica traços de hospitalidade como prioridade para entendimento, sensibilidade e proximidade com o outro crendo por parte docente na importância da educabilidade e na cordialidade de sua atividade pedagógica. Todavia, destacar essas palavras sustentam a perspectiva de uma docência assentada na Pedagogia da Hospitalidade marcada pelos rostos, pela afetividade, pela ética e pelo encontro. Neste sentido, as escolas funcionam como espaços hospitalares e inclusivos para que seus(uas) alunos(as) sintam-se seguros, acolhidos e integrados, onde o verdadeiro trabalho e autoridade docente é dada através da maestria de educação holística, singular, transcendente e atenta.

(...) A relação pedagógica marca para toda a vida, provocando identificações e rejeições, mas também alegrias e tristeza. Por isso, ela não pode ficar apenas 'na' sala de aula – a qualidade desta relação pedagógica depende das relações pedagógicas da comunidade educativa mais geral: nas salas de aula e nos corredores, na cantina, na sua organização e formas de poder... As escolas estão impregnadas de relações pedagógicas (ou não) que ajudam (ou não) à relação pedagógica. (Lopes, 2018, p.9).

A autora citada aponta a relevância de uma relação pedagógica de qualidade dada em um tempo longo, em diversos espaços e que seja libertadora, emancipadora e permita a participação. Tal, processo permite que o espaço escolar não seja visto como uma obrigação, mas sim um convite para que o outro seja reconhecido pelas suas marcas, rosto, assinatura e sobretudo pela sua pessoa humana. No contexto de investigação, os(as) docentes narraram práticas pedagógicas baseadas no cuidado e na atenção onde a aprendizagem correspondia evolução e desenvolvimento.

Professora - X. (História anos finais e Ensino Médio). Escolhi essas três palavras [Domínio, Atenção e Cuidado] pois para mim são as que mais definem essa professora, com a sua didática o ensino de história que tinha tudo para ser enfadonho e pouco interessante, tornou-se prazeroso, pela forma a qual ela dominava o conteúdo, bem como dominava a nossa atenção, prendendo-a de maneira interessante, para que conseguíssemos focar, sua atenção com cada aluno e com seu aprendizado, eram aspectos motivadores, o cuidado e zelo com nossa aprendizagem, marcaram minha trajetória escolar, sendo então a professora a qual me espelho até hoje, para minha carreira docente. (D2).

A professora da alfabetização me marcou de forma positiva, definiria em ACOLHIMENTO, DEDICAÇÃO E SABEDORIA [grifo da docente]. Eu fui promovida no segundo semestre a essa turminha de alfabetização e precisei me esforçar para acompanhar o nível da turma, a professora me acolheu de uma forma carinhosa e me auxiliou muito nesse processo, no final do ano fui oradora da turma na formatura. (D3).

As narrativas das duas docentes nos mostram a importância do cuidado e da atenção do processo de *ensinoaprendizagem* enxergando que cada aluno(a) é um ser único e especial dentro da aula. Rompendo com a tendência tradicional onde o(a) docente é o detentor do conhecimento, as falas compartilhadas revelam um novo olhar para a prática pedagógica como uma atividade definida no afeto, na atenção, no acolhimento, na dedicação e na sabedoria de expor a identidade e a subjetividade do outro.

Assim, a profissão docente não é uma atividade somente vocacional, pois representa a nobre missão de compromisso com o futuro e de assumir os rostos apresentados. Mas, a inquietante tarefa de ensinar deixa marcas manifestadas de afeto ou não, no caso narrado pela D2 a sua professora se tornou o espelho para a sua carreira. A figura marcante de ser docente manifesta recordações, já que o ato de ensinar acontece pelo encontro, ou seja, uma alquimia emocional e relacional, como fica nítido nas narrativas abaixo.

[Acolhimento, atenção e dedicação] foram essenciais para que houvesse aprendizagem de forma prazerosa. (D1).

Professora W., 1º ano do Ensino Fundamental. Carinho, atenção e doçura. Penso que esses termos foram marcantes nesta etapa da vida [1º ano do Ensino Fundamental], pois me faziam sentir confiante e confortável no ambiente escolar. com esta professora, sentia que havia alguém preocupada comigo e talvez interessada em minha evolução. (D4).

Professora G. Inteligência, Postura, Vocação. Suas aulas encantavam a minha imaginação, era nítido que só o amor a profissão não se fazia o suficiente. Ela nascera com o dom de ensinar. Uma mulher elegante dotada de uma inteligência ímpar. As conexões ao ensinar a História nos desprendiam da mecanicidade do estudo. (D7).

Professor Dr. P.A.L.P.. Foi meu professor na faculdade suas aulas de História Antiga eram simplesmente fantásticas, dado o seu conhecimento e a forma de explicar. (D6).

Os(as) docentes nos narram práticas que reconhecem a relação educativa enquanto Pedagogia da Hospitalidade baseada no encontro, na hospitalidade, na ética e no respeito ao outro. A aprendizagem reforça a autonomia e as singularidades, pois, “educar significa intervir propositadamente no processo de desenvolvimento de outros sujeitos” (Baptista, 2017a, p.149). Nas narrativas percebemos, como tal fato fica evidente quando a docente D4 aponta a preocupação e o interesse de sua professora a fazendo se sentir confiante e confortável em um período marcante de sua fase escolar.

Assim, a proposta de uma aprendizagem inserida em uma Pedagogia da Hospitalidade está alicerçada na possibilidade de abertura ao outro, no desenvolvimento humano e social, e na transformação da prática docente. Narrativas como salientadas acima mostraram a importância de uma aprendizagem prazerosa, o desprendimento com o método mecanicista e o dom para ensinar tornando as disciplinas próximas de seus(uas)alunos(as) reforçando no cotidiano escolar a tese da Pedagogia da Hospitalidade ao enxergar o(a) aluno(a) como um sujeito ativo, participativo e fomentando o aprender como um espaço de diálogo, troca e emancipação.

O laço criado, então, entre docente e aluno(a) pode modificar práticas tradicionais e exclusões. As aulas antes marcadas por linearidade, centralidade e autoritarismo tornam-se espaços de convite, de abertura e de aproximação. Conforme afirma Melo (2014, p. 121), “(...) acredita-se que uma educação permeada pela pedagogia da hospitalidade poderá colaborar na edificação do ser humano e da sociedade (...)”. Educar passa a ser o lugar de hospitalidade, de alteridade e de abertura ao outro e das suas histórias. É oportuno destacar o quanto o papel docente é marcante em qualquer faixa etária, principalmente no Ensino Superior, como narrado pela docente D5.

Minha primeira professora da faculdade de letras, Professora M.. Acolhedora, humana e inteligente. Uma das professoras mais incríveis que passou pela minha vida. Quando a olhei, lembro que pensei que “queria ser como ela”. Ela não deve lembrar, mas eu estava perdida, saindo de uma escola pequena com 10 alunos por turma e entrando na Uerj [Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. A aula era dela e ela me acolheu e deu as boas-vindas. No semestre seguinte a “persegui”, mas ela entrou de licença maternidade. Anos depois, a encontrei na minha pós e hoje, ela é minha orientadora de mestrado. Ela me inspira como ser humano, sempre com um sorriso no rosto e uma expressão que tudo dará certo. (D5)

O seu rito de passagem para faculdade foi marcado por uma professora que “segurou a sua mão “e a acolheu. A narrativa da docente D5 ressalta o rosto de sua docente e a sua marca de confiança e amabilidade, como ela mesmo disse uma expressão de que “tudo dará certo”. O fato de querer ser como ela nos mostra a base da Pedagogia da Hospitalidade: a

afetividade. Essa pressupõe ser responsável, ético com o outro, e especialmente, ir ao seu encontro, como a professora relatada fez ao dar boas-vindas e acolhimento. Tal ato requer o reconhecimento do outro enquanto outro, o incluindo em meu universo com respeito, ternura, afeto e autonomia. Nesse sentido João Amado, Isabel Freire, Elsa Carvalho e Maria João André (2009, p.78) afirmam que,

analisar a questão na *perspectiva da relação do professor para com os alunos* [grifo dos autores], implica dar conta do modo como estes percebem a acção daquele no domínio do respeito (incluindo a capacidade de os escutar), no plano da competência (preocupação pelas aprendizagens efectivas de cada um), no plano da justiça relacional e da gestão dos poderes (ausência de favoritismos, ausência de exclusão, partilha de decisões e de iniciativas), e no plano pessoal (abertura aos interesses e problemas do aluno, cuidado e preocupação, valorização da sua liberdade e sentimentos, etc.).

A abertura para o interesse, ao cuidado e liberdade de cada indivíduo vai contra ao modelo pedagógico que ainda encobre uma conexão pautada na afetividade entre docente e aluno(a) postulando uma hierarquia, onde o(a) docente é o detentor do conhecimento, não existindo diálogo ou laços de reciprocidade. Na relação pedagógica quando falta o real encontro da Pedagogia, a tríade – eu, tu e o nós, os lugares comuns e a capacidade de nos diferenciarmos perde o poder do rosto e conseqüentemente as suas marcas, assinaturas e histórias.

Na pesquisa os(as) docentes ao serem solicitados narrarem sua relação pedagógica por meio da lembrança de um(a) aluno(a) que lhe marcasse, positivamente ou negativamente, compartilharam por meio das palavras as fragilidades e a potência desse laço social e hospitaleiro indo ao contrário do caminho de um modelo que afasta docente e aluno(a), conforme evidenciado na Figura 3 e nas palavras narradas. Em suas histórias percebemos diferentes trajetórias, desafios e inseguranças permeadas de amor, de determinação, de persistência, de carinho, de humildade, de inteligência, de esforço, de empatia e de brilhantismo.

Figura 3 – Nuvem de palavras sobre a lembrança de um(a) aluno(a)



Fonte: Pereira, 2021

Desafio, Insegurança e Empatia. (D1).

Medo, Impotência e Determinação. (D2).

Amor, Persistência e Determinação. (D3).

Interessada, Inteligente e amorosa. (D4).

Intenso, Carinhoso e Desafiador. (D5).

Inteligente, Esforçada e Meiga. (D6).

Humildade, Dedicação e Brilantismo. (D7).

A escolha das palavras para definir a memória de seus(uas) alunos(as) mostram que não existe linearidade na relação pedagógica, mas sim o caminho que desejamos construir juntos(as). Ao abordarem termos negativos com positivos mostram que o ato de educar perpassa por vários caminhos, desafios até a busca da motivação, da dedicação e da empatia. O intrigante ao observamos tais palavras-chave é o destaque a termos como inteligência e determinação que no ato de educar nos remetem a transformação, paciência e ao entendimento que não existe uma única forma de educação, mas sim a construção de diferentes *saberesfazes* que coexistem em diferentes espaços, tempos e culturas.

Assim, os desígnios da relação pedagógica perpassam pela valorização do(a) aluno(a) como um ser único, nos permitindo ir para além dos seus rostos ganhando seu coração, onde o acolhimento inicia abertura, conexão e um comportamento pautado na confiança e na ética. Os(as) docentes, então, enquanto profissionais do humano são mediadores para a construção pedagógica concebida nos rostos e no coração, o que fica refletido nas histórias abaixo ao percebemos o desafio de educar e sua arte do convite enquanto motivação, criatividade, trabalho colaborativo e hospitalidade.

Era um aluno com questões cognitivas e comportamentais bem comprometidas. Fiquei insegura com o desafio, mas ao longo do processo, criei estratégias para uma mudança efetiva e, ao final, foi maravilhoso ver o resultado. "Não há aprendizagem, sem AFETIVIDADE [grifo da docente]". (D1).

O aluno que me marcou de forma positiva foi um aluno autista de 4 anos, as três palavras para essa registrar esse momento seria AMOR, PERSISTÊNCIA E DETERMINAÇÃO [grifo da docente]. Esse aluno aprendeu a ler comigo, foi um dos momentos mais especiais, no qual eu entendi a minha missão no mundo da educação. (D3).

As duas docentes narram o amor, a insegurança, o medo, a persistência e a determinação ao compartilharem suas memórias. Seus alunos as desafiaram a elaborarem um modelo pedagógico com estratégias de trabalho contínuo, criativo, sensível e de acolhimento. Nas falas percebemos uma Pedagogia baseada na afetividade, como fica destacado na frase citada pela docente D1 ou no momento que a docente D2 ao não desistir ensina o seu aluno a ler e entende o seu papel dentro da educação.

Sendo assim, o ato educativo é sobretudo um ato relacional de afeto e cuidado porque a aprendizagem é um todo pautado no colaborativo, no interativo, no contínuo e na construção de identidade. Tal fato ficou evidente nos textos de duas docentes ao salientarem que os seus alunos permitiram o crescimento pessoal e profissional ao serem instigadas em suas práticas pedagógicas.

Acho que nenhum aluno nos marca por inteiro de forma negativa, todos deixam uma marca positiva em nós, seja no âmbito profissional, bem como no crescimento pessoal. Mas, recordo-me de um aluno o qual seu comportamento era bastante desafiador, onde não contávamos com a ajuda familiar, este aluno possuía o diagnóstico de TDAH, e sua agressividade e inquietude eram tamanhas, que o impediam de permanecer em sala. Sua agressividade ia muito além dos colegas, partia para professoras, coordenação ou qualquer um que ousasse contraria-lo. As três palavras que marcaram este momento são: medo, impotência, determinação. (D2).

G.. Intenso, carinhoso, desafiador. G. despertou o melhor e o pior de mim. Ele tinha muitas questões comportamentais e, por mais que parecesse apenas desafio, era um menino encantadoramente incrível. Ao final do ano me deu uma cartinha que dizia que saiam luzes da minha boca quando eu falava com ele e isso era bom. Guardo até hoje a cartinha para não esquecer que posso ser luz em muitas ocasiões. (D5).

Na narrativa da docente D2 percebemos a sua motivação e o seu papel enquanto ouvinte, cuidadora, participante, motivadora e promotora de vozes e acolhimento. O comportamento de seu aluno permitiu que crescesse enquanto pessoa, mesmo passando primeiramente pelos estágios do medo, da impotência e por último da determinação. A sua tarefa de educar foi para além da dinâmica escolar estabelecendo pontes para a construção de redes de apoio e empatia, mesmo sem a assistência familiar, tão importante para que o trabalho pedagógico promova o acompanhamento e o desenvolvimento das aprendizagens.

Franciele Sassi, Fernanda Montoro, Juliana Bariviera e Silvia Brescia (2018) apontam que o ambiente familiar é o principal alicerce para que a criança possa explorar o mundo e assim fazer novas descobertas e se relacionar com o outro. O papel da escola, para a autora, passa na permissão da criação da sua própria identidade ao sair do seu núcleo familiar e ser inserida em uma cultura. “A escola é o lugar propício para as crianças, por meio do contato com seus pares e da relação com os outros adultos, experimentarem e desenvolverem sua capacidade de socialização, a percepção sobre si, do outro e o reconhecimento dos seus próprios limites” (p. 10).

A relação pedagógica por meio das características e das subjetividades individuais a partilha de diferentes situações, vivências e momentos atrelados, algumas vezes, a vida particular. Destaca-se nesse sentido, a necessidade do(a) docente estar atento a sua função de mediador do *ensinoaprendizagem* e na construção afetivo emocional dos seus(uas) alunos(as) em aula, tal responsabilidade é fundamental para a construção de relacionamentos significativos e com empatia.

A narrativa da docente D5 nos mostra o quanto ato pedagógico deve ser permeado de intenção, pois através da observação somos capazes de solucionarmos problemas de relacionamento. Nela vemos o real sentido de um antigo ditado chinês “quando o discípulo está pronto, o mestre aparece!”, porque foi por meio das palavras e do desafio criado por seu aluno que ela percebeu ser a luz para outras crianças. A intensidade da sua história retrata as suas dúvidas, emoções e inseguranças perante aos acontecimentos, mas a sincronicidade de ambos permitiu a edificação de uma conexão que a fez ganhar o coração de seu aluno.

Enquanto navegamos pela vida, nós, humanos, temos poucas maneiras de saber que rumo tomar ou o que vem pela frente. Não temos faróis que nos mantenham afastados de relacionamentos problemáticos. Não temos vigias na proa ou radares na torre atentos a possíveis ameaças submersas que podem afundar nossos planos de carreira. Em vez disso, temos nossas emoções - sensações como medo, ansiedade, alegria e euforia -, um sistema neuroquímico que evoluiu para nos ajudar a navegar pelas complexas correntes da vida. (David, 2018, p. 12).

Saber navegar pela vida como nos apontou a autora Susan David é o que guiou o trabalho pedagógico dessa professora, onde as suas emoções foram o leme para uma jornada ética e de respeito ao outro. Na verdade, conseguimos extrair da sua fala o respeito em tentar se acolher para assim compreender o outro. Não parece ter sido uma tarefa fácil, mas o futuro é formado em uma construção ética e humana, o que possibilita que a tríade da Pedagogia surja no trabalho pedagógico.

Nesse caminhar três narrativas se destacam ao citarem suas alunas ligadas a sentimentos, como empatia, amorosidade, interesse, esforço, dedicação, meiguice, humildade e brilhantismo. Nelas identificamos o desafio dos(as) docentes de ser questionado e saber interagir e ouvir em meio a diferença de suas aulas, estes são critérios do *ethos* docente e da Pedagogia da Hospitalidade como pressuposto de alteridade.

M. - 9º ano. INTERESSADA, INTELIGENTE, AMOROSA [grifo da docente]. Esta menina se destaca em uma turma difícil e desinteressada. Com o passar do tempo, acabou se tornando uma amiga e seguiu a carreira científica. (D4).

T.P. - Inteligente - Esforçada - Meiga. T. sempre buscando o conhecimento de forma profunda, inteligente e doce. (D6).

Aluna K. Humildade, Dedicção, Brilhantismo. Embora K. tenha concluído as 3 séries do E. M. [Ensino Médio] com média 10,0 em Matemática, sua abordagem com os colegas e com os professores sempre foi na base da humildade e da empatia. Hoje é mestranda em Matemática pela UFRJ [Universidade Federal do Rio de Janeiro] e uma pesquisadora brilhante. (D7)

Os(as) docentes acima citados revelam a relação do saber ouvir, do exercício pedagógico assumido como um compromisso com o outro e na aprendizagem enquanto espaço ético e de diálogo. A docente D4 ao enfatizar a dedicação de sua aluna em um ambiente difícil mostrou como o papel do educador é importante para transformar o futuro de seus(as) alunos(as). Os elos criados de proximidade hoje as tornam amigas transcendendo o processo educativo fomentando afetividade, carinho e cuidado.

Os docentes D6 e D7, acima citados, ressaltam duas alunas que buscavam o conhecimento de maneira profunda, onde o educar foi definido pela epifania do outro e no prosperar de uma Pedagogia baseada na participação e na individualidade do outro e da busca de seus conhecimentos. Ao relembrares de um aluno(a) os(as) docentes contaram histórias que romperam com a relação pedagógica linear mostrando que a Pedagogia da Hospitalidade nasce ao refletir sobre práticas novas e no desejar novos caminhos.

Em hospitalidade pela abertura de formação e proximidade com outro salientam que o ato de educar intervém no desenvolvimento humano e no entendimento da responsabilidade do papel docente na qualidade de espaço de compromisso, de experiência ética e de laço social. “O encontro entre seres únicos, e capazes de se reconhecerem mutuamente como tal, constitui nesta medida a referência paradigmática da relação

educativa, enquanto relação entre sujeitos de autonomia e liberdade, que é como diz, entre seres igualmente capazes de habitar, desfrutar e representar conscientemente o mundo” (Baptista, 2017a, p. 149).

Muitas são as mensagens que podemos retirar das narrativas até o momento apresentadas. Nelas explicam-se o real sentido de uma educação pautada na hospitalidade e no acolhimento por meio de uma escola que integra, inclui e agrega, de modo que os(as) alunos(as) sintam e presenciem cordialidade e respeito no processo de *ensinoaprendizagem*. Nas histórias identificamos que os(as) docentes foram “convidados(as)” a repensarem as suas práticas e ao (auto)avaliarem suas emoções. Perante a tantas incertezas no trabalho pedagógico o ensinar passa a ser a garantia de sensibilidade e orientação para que cada aluno(a) sinta-se livre, autônomo e capaz de conduzir sua própria aprendizagem. Assim, percebemos que a relação pedagógica está intimamente atrelada ao *ethos* docente considerando que a conduta adotada em aula é o que conduz ou não para o reconhecimento dos rostos e lugares de hospitalidade.

Encontramos evidenciado tal afirmação ao lermos os relatos dos(as) docentes ao serem questionados o tipo de formação docente que gostariam de cursar dentre as opções apresentadas, no qual a maioria optou pela Pedagogia da Hospitalidade⁵. Assumindo, dessa forma, que a educação deve estar pautada em um compromisso ético com o outro rompendo barreiras de uma educar aprisionante, egoísta e centrado no eu. O rosto do outro revela individualidade, presença, empatia e (auto)hospitalidade. Ao trazeremos a presença do outro para os processos pedagógicos reconhecemos que a sua diferença é o elemento norteador para o entendimento e o reconhecimento do eu repleto de fragilidades e dilemas, ou seja, a responsabilidade pela figura do outro é uma decisão ética e moral baseada na capacidade de educabilidade do ser humano.

Escolheria a formação 1 - Pedagogia da hospitalidade, pois acredito que as vivências do outro são engrandecedoras para a prática pedagógica, dessa forma seria mais que acolher o outro em suas diferenças, mas utilizar delas como meio de diálogo, como

⁵ Seis docentes optaram pela formação em Pedagogia da Hospitalidade e um docente pela formação em Identidade Profissional Docente.

parte integrante da existência de todos, para reflexões que construam novos espaços pedagógicos de exercício do ensino-aprendizado focados não no espaço físico. Acredito que a hospitalidade pode ser um lugar de escuta na educação, do mesmo modo que a mesma se propõe a construção de laços sociais, onde visa o outro e suas diferenças, na construção de todo processo. (D2).

Seria escolhida a formação 1 [“Pedagogia da Hospitalidade”], por ter curiosidade em conhecer esse tipo de pedagogia em que apresenta diversas possibilidades onde o “Eu” é convidado a participar do convívio do “Outro”. (D3).

A importância de compreender a Pedagogia da Hospitalidade é dada pela necessidade de entender o outro, por vezes, marcado pelo esquecimento ou distanciamento. Nas narrativas percebemos a preocupação de construir uma prática pedagógica assentada na interação e nos laços sociais, por meio de desejar compreender a relação estabelecida entre eu e o outro. Tais docentes marcam a relevância de entender a hospitalidade como um ato de (auto)acolhimento e do outro.

Nessa visão, a Pedagogia da Hospitalidade corresponde a um encontro solidário, atento, sensível e de entrega a escuta e a autoria, como nos aponta Melo (2014, p. 21) “A hospitalidade acontece no momento em que o eu se cala para perceber o outro que caminha junto (...)”. Esse caminhar sem esperar nada em troca permite o rosto no rosto, a semelhança, a proximidade e o rompimento da exclusão e das desigualdades, tão enraizadas em nossa sociedade.

Formação 01 - Por acreditar que a Pedagogia da Hospitalidade é capaz de me proporcionar conhecimentos que me façam adotar melhores práticas no processo de construção do saber e principalmente, na formação individual e humanística. Valorizar a tríade cuidado, amparo e orientação é educar para a construção de uma sociedade saudável. (D7).

O momento de similitude acontece por meio do comprometimento, como salientado nas narrativas, através do desejo de compreender as vivências do outro com as suas individualidades, diferenças e na construção de uma relação pedagógica assentada no diálogo e no acolhimento. Na narrativa acima destacada verificamos nas palavras do docente D7, o quanto a Pedagogia da Hospitalidade ao seu ver é importante para que a prática docente seja mudada, pois por meio da tríade amparo, cuidado e orientação poderemos edificar uma educação saudável, justa e inclusiva.

Portanto, dentro da Pedagogia da Hospitalidade docente e aluno(a) estão juntos em uma única caminhada sem dualidade, egoísmo ou autoritarismo. Na verdade, os rostos rompem com o totalitarismo e criam um *ensinoaprendizagem* voltado para a vida e a cidadania, com cumplicidade, solidariedade, compreensão e cuidado. Somos, então, convidados a entrar em um ambiente escolar que fascine, encante e reinvente a experiência de educar para que o(a) aluno(a) seja favorecido no processo de construção de conhecimentos em rede. Nessa linha, alguns(as) docentes destacaram a necessidade de reestruturar o processo de educar e do repensar a prática pedagógica docente, enquanto meio de acolhimento e afetividade.

A nossa prática pedagógica precisa "sempre" ser revista e de forma continuada para que haja reflexões no nosso fazer em sala de aula com os alunos. Conheço pouco sobre a "Pedagogia da Hospitalidade" e gostaria de aprimorar os meus conhecimentos. (D1).

Opção 1 ["Pedagogia da Hospitalidade"] - Acredito que o acolhimento e a relação professor/aluno são fundamentais para o processo de ensino/aprendizagem. (D6).

Pedagogia da hospitalidade porque acredito em uma educação que acolha e inclua todos. A educação voltada somente para si não tem como funcionar para todos. Acredito em adaptações que são necessárias para um melhor rendimento do aluno e a validação de seu conhecimento e vivência. (D5).

Refletir sobre a prática profissional docente é um dos caminhos principais para a construção da Pedagogia da Hospitalidade dentro do processo escolar, mesmo entendendo que a atividade docente é uma profissão com imenso esgotamento diário. A sua missão, como indicado acima nas narrativas, perpassa na análise e na observação das suas aulas para a criação de lugares de acolhimento e uma relação pedagógica baseada no respeito.

(...) Na verdade, a ação educativa desenvolve-se num contexto de especificidade humana que torna inconcebível a redução da função docente a uma dimensão meramente técnica ou instrumental. Neste sentido, a ética surge-nos inseparável de um saber profissional cientificamente exigente, sólido e autónomo, correspondendo a uma sabedoria prática que, a nosso ver, deve ser apoiada em virtudes pedagógicas como a paciência, o cuidado, o bom senso, a consideração positiva, a congruência e a arte do diálogo. (Baptista, 2005a, p.27-28)

Tais virtudes são necessárias para a garantia de uma relação baseada na sensibilidade e na abertura do outro, pautada em um comportamento ético onde o profissional docente ao refletir sobre a sua atuação busca valorizar como indivíduo garantindo por meio do desafio do *ethos* docente uma conduta de reconhecimento, proximidade e identidade. A escola passa, então, a ensinar para a vida alargando o diálogo e a troca por meio da prudência, da solicitude, do amparo e da consciência crítica de todos(as) dentro do processo de educar.

Nas narrativas conseguimos identificar traços de inconformismo promovendo a equidade e combatendo as desigualdades como consagrado na Declaração Mundial sobre a Educação para Todos (1990). Assume-se a tarefa de educar em uma lógica de proximidade humana e relacional indo contra a corrente de uma educação linear e centrada na imagem do(a) docente como detentor de conhecimento, pois todo autoritarismo cria uma ameaça ao propósito real da Pedagogia, que é o desenvolvimento de cada sujeito reconhecendo o poder da sua educabilidade e da sensibilidade pedagógica, pois como narrado pela professora D5 a educação deve incluir e não ser pautada somente em si, cabendo ao(a) docente a validação de novas condutas para a valorização do(a) aluno(a), assim como o seu rendimento escolar.

As palavras dessa docente D4 ao escolher como formação a Identidade Profissional Docente corroboram com a necessidade de enquanto professora de refletir sobre a sua prática e o seu papel, o que em suas palavras configura o grande desafio da atualidade.

Penso que refletir sobre a prática docente e o papel do professor nos tempos atuais é um dos grandes desafios para a nossa formação e me interessa em particular pela proximidade com a possibilidade de realizar uma pesquisa com viés antropológico. (D4).

Pensar o papel docente é vislumbrar a relação entre ética educação através da valorização da pessoa humana em todo o processo de *ensinoaprendizagem* pautado em valores sólidos e no compartilhamento de experiências, de cooperação e no reconhecimento mútuo. Dito isso, talvez o desafio para a formação docente na atualidade dê-se pela busca de criar espaços de partilhas e comunidades organizadas em afetos, relacionamentos, ideias e ideais.

À medida que tais critérios surgem novos princípios também aparecem, como o compromisso com a educabilidade, a elaboração de um plano curricular que abrace e se comprometa com o(a)aluno(a), o reconhecimento da pessoa humana e sua individualidade e a valorização da escola como palco de discussões, de encontros e de proximidade. “Façamos então de cada escola um lugar antropológico com tudo o que isso implica em termos de afecto, de memória e de identidade. As escolas têm que ser lugares de hospitalidade, de reconhecimento, de proximidade e de encontro” (Baptista, 2005a, p.101).

Na verdade, o desejo da docente D4 em almejar compreender a prática e o papel docente na atualidade por seu desafio e proximidade de uma possível pesquisa antropológica justamente marca o respeito e a identificação que cada pessoa possui com os lugares de proximidade e de interação. Nesta mesma perspectiva, a escola funciona como um espaço de afinidade, contato e sensibilidade onde o(a) docente muito mais do que ensina, pois projeta sonhos e descobertas. Assim, ser docente é ir além do esperar, é criar esperança perante a imprevisibilidade, é saber ouvir muito mais do que falar, é criar orientação quando tudo parece estar perdido, é criar presença no meio da escuridão e é libertar para dar asas para o futuro.

Atrair, dessa forma, a Pedagogia da Hospitalidade ao *ethos* docente perpassa na compreensão do ato de educar como um processo afetivo e emocional que engloba a todos

os sujeitos presente no processo escolar. É, portanto, ser um profissional que carrega marcas de sensibilidade, de ética, de reflexão, de hospitalidade, de cuidado, de entrega, de empatia e de estar comprometido com os direitos do humano em seu primado ético e centrado nas relações de proximidade. Nesse sentido, valores devem estar presentes no(a) profissional do humano como fica evidente na Figura 4 abaixo.

Figura 4 – Valores do(a) profissional do humano



Fonte: Pereira, 2021

Após leitura do livro *Dar rosto ao futuro: a educação como um compromisso ético* ⁶(Baptista, 2005a) e em articulação com as narrativas docentes foi elaborado uma nuvem de palavras, citada acima, objetivando pensar sobre o papel docente que deve ser construído na busca da criação de valores que permitam uma (auto)reflexão sobre a sua prática para que o trabalho pedagógico seja sempre (re)visto. Nela, então, foram salientadas palavras-chave e

⁶ Ao longo da leitura do livro e em articulação com as palavras das narrativas docente foram destacados termos que no entendimento da pesquisadora são valores fundamentais ao ato de educar.

valores que perpassam ao ato de educar. Ser, portanto, docente é exercer uma atividade ética ligada a valores sólidos marcado diariamente por dilemas e problemas e que devem ser enxergados com o distanciamento óptimo (Baptista, 2005a) enquanto processo crítico e de proximidade e afastamento.

Portanto, nas narrativas docentes apresentadas vimos o quanto o resgate ao passado por meio da memória foi importante para a construção da sua identidade docente. Enquanto profissionais o compromisso com os fatos e com a pessoa humana marcam o verdadeiro papel da Pedagogia da Hospitalidade e do *ethos* docente, por meio da busca de uma educação que preza a experiência, a vivência, a afetividade e o cuidado. Graças a fé na condição humana são capazes de refletirem sobre a função do outro em suas aulas ao mesmo tempo que assumem diariamente a coragem e a ousadia do trabalho pedagógico.

Nelas vemos refletidas através das vivencias a imagem viva do outro, os seus rostos e a busca incessante para ganhar o coração de seus(uas) alunos(as) no almejar pensar sobre suas práticas. O desejo de conhecerem mais sobre a Pedagogia da Hospitalidade mostra a importância que o outro assume em nossas vidas, principalmente no trabalho docente. Nelas vemos falas que procuram compreender o melhor caminho para a tríade pedagógica – eu, tu e o nós.

De forma geral as narrativas nos mostram resultados que permitem concluir a necessidade de pensarmos sobre a prática docente estar pautada na Pedagogia da Hospitalidade e no *ethos* profissional, como espaço de reconhecimento de si para acolhimento do outro. Compreendi, então, que a Pedagogia da Hospitalidade iniciou antes da análise das NE. O caminho com as suas quedas, percalços mostram o quanto a coletividade é a potencialidade do trabalho docente. Que depois de tudo existe um recomeçar, uma nova maneira de pensar, de aproximar e de revelar que educar é um processo metodológico assentado na escuta, no cuidado, no afeto, na abertura para conhecer o outro e sobretudo na ética.

Conclusão

Como visto no capítulo 1, por razões de viabilidade e temporalidade em função da pandemia por Sars-CoV-2 (Covid-19), o processo de dados ocorreu em duas fases: o encontro online e o narrar de experiências e histórias para compreensão dos objetivos da pesquisa. Arelado a eles foram criadas três perguntas que foram a base do guião enviado aos(as) professores(as) acerca da hospitalidade, Pedagogia da Hospitalidade e ética. Mesmo perante as muitas dificuldades enfrentadas em seus cotidianos, os(as) docentes aceitaram narrar suas vivências e abrir suas aulas para refletirmos juntos sobre práticas inclusivas e acolhedoras.

A segunda parte da pesquisa, então, por meio das pistas, das histórias e das narrativas escritas docentes salientou a importância da Pedagogia da Hospitalidade dentro do universo escolar. As memórias docentes mostraram o rompimento com a linearidade da educação pautada no autoritarismo docente através de práticas pedagógicas que incluem, agregam e enxergam o outro. Nas falas observamos a criação de novos caminhos marcados pela proximidade, pela atenção, pelo cuidado, pelo afeto e pela percepção de que o ato de educar é intervir no desenvolvimento humano e no entendimento do papel docente enquanto mediador e na responsabilidade ética da sua função.

Assim, as narrativas nos levam a crer na necessidade de pensarmos sobre a Pedagogia da Hospitalidade e do *ethos* docente estarem inseridos dentro do processo pedagógico como mecanismos que permearam a construção de valores baseados na afetividade e no acolhimento. Pois, o outro no processo pedagógico não deve ser visto e encarado com um expectador, mas como alguém imbuído de histórias, assinatura, rosto e respeito (Melo, 2014).

Corroborando com Paulo Giovanni Rodrigues de Melo, podemos entender que a aproximação entre docente e aluno(a) sela o real sentido da relação pedagógica – a hospitalidade. O caminho marcado por vezes por dificuldades, medos, impotência, angústias é também permeado de sensibilidade, escuta, dedicação e brilhantismo. Na coletividade os(as) docentes narraram histórias repletas de cuidado mostrando que o trabalho docente por mais que tenha percalços e seja cansativo é rico de aprendizado se permitir o ouvir e acolher o outro.

Sintetizando, o ser docente exerce um dever ético e moral atrelado a valores como respeito, responsabilidade, reconhecimento, verdade, valorização, cooperação solidariedade e encontro. Esses necessários para (auto)reflexão e (auto)hospitalidade dentro do trabalho docente. Se questionar permanentemente foi um dos pilares dessa investigação. Repensar a educação, as suas metas, valores e sentido se tornou o elemento-chave para encontrar o real entendimento do que é uma sociedade educativa, que só foi possível ao ouvir o outro, por meio das suas narrativas. Concluímos salientando que em um nível particular as falas (escritas) foram sentidas, organizadas e deram pressupostos para o surgimento de uma escola contemporânea solidária, igualitária e atenta a diversidade dos rostos e dos olhares, tal fato, só foi possível porque permitimos a liberdade e abertura para que as palavras ganhassem novos lugares e novas redes de conhecimento fossem criadas.

Considerações Finais

O presente trabalho procurou apresentar os caminhos para uma nova maneira de se pensar a educação, a partir da Pedagogia da Hospitalidade e do *ethos* docente. Sendo assim, em um balanço geral do percurso de pesquisa permite-nos verificar a necessidade do(a) docente refletir sobre as suas práticas para a construção de laços sociais pautado na ética, na afetividade e no acolhimento.

Neste contexto, o tema proposto pretendeu fazer uma análise para os caminhos de uma educação mais humana, inclusiva e próxima. Tal facto, implicou em ouvir diferentes vozes, olhares, autorias, histórias e vertentes sobre a relação pedagógica. Para que possamos fortalecer a definição da Declaração dos Direitos Humanos (1948) do poder da educabilidade e do outro, com as suas vivências, autonomia e liberdade.

Colocar a educação no centro da sociedade é perceber a necessidade dela de se adaptar as mudanças sociais sem omitir as vivências (Delors, 2010). Todavia, é importante lembrar que falar de educação é nos remeter a formação dos seres humanos e suas metas humanas e sociais.

Os direitos humanos, portanto, deverão ser vistos como valores (autonomia, respeito, responsabilidade, justiça, ética, solidariedade), deveres que irão proteger e impulsionar tais valores e não garantias (Baptista, 2018). Dessa forma, educar no século XXI envolve abraçar um direito humano básico e um o trabalho que em sua jornada possui diversos atores socioeducacionais (família, escola e comunidade) como forma de garantia ao acesso dos demais direitos da sociedade.

Por meio do estudo empírico constatamos docentes que fugiram à “regra” de uma educação totalitária para ir de encontro aos rostos e a criação de uma memória positiva, marcado pela presença e pela positividade. Assim, indo de encontro a definição da Pedagogia Social de proximidade humana e na edificação de laços sociais, como característica de uma educação dada ao longo da vida, a medida que atua na educabilidade, na ética, na experiência individual e coletiva e na hospitalidade.

No entanto, falar de hospitalidade dentro do contexto escolar requer defender a (auto)hospitalidade, (auto)aceitação e a garantia de uma (auto)formação como meta de elaboração de práticas mais humanas e acolhedoras. Segundo a autora Roberta Sogayar

(2020) falar de hospitalidade não demanda pressa e, assim, a pesquisa decorreu entendendo que ela acontece no cotidiano das mais variadas formas, principalmente na formação docente, como um elemento diferenciador para a compreensão do(a) aluno(a) e na elaboração de práticas que sustentem a amabilidade. Então, o que se espera de um(a) docente é a valorização de uma Pedagogia centrada nas relações humanas e o compromisso ético através do reconhecimento e da aceitação do outro dentro do processo educativo.

Penso, que os caminhos trilhados e narrados pelos(as) docentes que aceitaram participar da pesquisa nos dão pistas que novas condutas estão surgindo, onde o cuidado e a atenção com o outro fazem parte do cotidiano escolar. O fato de desejarem conhecer sobre a Pedagogia da Hospitalidade ou a Identidade Profissional Docente desvela o quanto o diálogo e a proximidade são importantes para esses docentes.

Vejo por meio das narrativas a construção de novas possibilidades que refletem a frase citada no início do trabalho, com a esperança de que aparecesse no estudo empírico “te reconheço”. Portanto, a hospitalidade enquanto categorial relacional nasceu antes dos(as) docentes aceitarem narrar suas trajetórias. Ao admitirem abrir seus corações e memórias saíram do lugar e se entregaram para que uma desconhecida usasse suas histórias, o que gerou ousadia e desprendimento, tão presentes no trabalho pedagógico.

A pesquisa assentada na Pedagogia Social, onde a ética surge como componente essencial as práticas de atuação dos(as) seus(as) profissionais, pode ser associada os participantes da investigação nas percepções de uma dimensão ética da profissão docente acompanhada de dilemas, questionamentos e interrogações, pois ser professor(as) é transcender cotidianamente a medida que reconhece a real função da educação, de desenvolvimento humano.

Revisitando, nesse sentido, aos objetivos propostos para a investigação atrelados aos referenciais teóricos e as narrativas docentes busco salientar a importância da Pedagogia da Hospitalidade incorporada a prática docente, ou seja, ao tentar identificar e analisar as percepções docentes sobre a Pedagogia da Hospitalidade enquanto arte do encontro ou arte da hospitalidade percebemos relatos que mostraram, mesmo que de forma breve, o quanto a alteridade, a empatia e a hospitalidade são contributos para a criação de uma educação voltada para o rosto, o humano e o desenvolvimento integral de cada sujeito.

O segundo objetivo traçado, identificar e analisar percepções docentes sobre a dimensão ética dos(as) professores associados às práticas de hospitalidade, expõe o *ethos* docente associado aos termos alteridade, empatia e hospitalidade e, que foram fundamentais para o entendimento do primeiro objetivo. Sendo assim, a formação docente é importante para a construção da ética relacional e no reconhecimento de cada pessoa, rosto e assinatura presentes dentro e fora de aula. Almejar compreender a Pedagogia da Hospitalidade por parte dos(as) docentes revelam a criação de um(a) professor(a) hospitaleiro, aquele capaz de acolher e que enxerga a educação pautada na ética, no bem conviver, na afetividade e no compromisso de desenvolver relações não lineares, mas holísticas e em redes socio-afetivas.

No processo de investigar percebi a animação docente em participar, e se sentirem acolhidos. Na verdade, em tempos tão incertos foi surpreendente perceber como todos(as) assumiram o compromisso de dar voz as suas práticas e realidades. Assim, os encontros (online) foram movidos pelo real sentido da Pedagogia: a hospitalidade, pois ao derrubarmos as máscaras impostas atualmente, revelamos os rostos, os sorrisos, as assinaturas e as marcas do outro. Movida por esse sentimento de acolhimento e respeito as narrativas transporão para a investigação os rostos do processo educativo que narram histórias, e marcam presença pela sua trajetória e fala.

Em companhia das narrativas docentes aprendi que narrar é descamar. Descortiamos a vida, as nossas histórias, nossas memórias (essas que são reflexos de quem somos), nossos caminhos e nossas trajetórias. Nas falas percebi que o ato de educar não deve obedecer as dicotomias e muito menos as hierarquias, pois o conhecimento é construído em redes. Assim, nos rostos retratados pelas palavras docentes compreendi que a vida é caleidoscópica porque as nossas relações revelam múltiplas faces do outro, com seus rostos e assinaturas.

Então, ao finalizar essa caminhada vejo refletida as minhas vozes juntamente com tantas outras que me fizeram chegar até aqui. Tantos questionamentos, dúvidas e lacunas estiveram durante esse processo. Muitas poderiam ser as minhas inquietações para pesquisas futuras, sobretudo, quando deixamos de enxergar os rostos e olhares de(as) nossos(as) professores(as)? Quando nos foge, enquanto docentes, acolher outros colegas de profissão no processo educativo? Quando os(as) professores(as) deixam de ser ouvir, se trancando em suas aulas? Essas questões perpassam pela potencialização da cultura, das histórias e da desconstrução dos saberes e se tornaram palco para investigações futuras.

Almejo que com essa pesquisa a experiência docente seja vista e vivida como um renascer diário, assim, como a vida, onde o outro é completude, aquilo que nos destabiliza. Ou como poderia ser exemplificada nas palavras de Ferreira Gullar, em seu poema Traduzir-se “Uma parte de mim é todo mundo; outra parte é ninguém: fundo sem fundo”. Desejando ao final do trabalho que o todo seja visto como encontro, partilha entendendo que ser docente é possuir um todo repleto de arte: arte de hospedar, arte de gestar, arte acolher, arte de respeitar e arte de renascer.

Dessa forma, o meu último parágrafo reflete uma trajetória iniciada repleta de questionamentos e que ao longo do caminho foi criando força e novos (per)cursoS devidos as partilhas, as vozes, as histórias, as vivências e as pessoas que por ela passaram. Quem sabe por meio das palavras surja o convite para a reinvençãO, o diálogo e a troca de experiência. Que possamos dar vozes aos(as) professores(as) para que compartilhem suas emoções e memórias, como ficou exemplificado nas nuvens de palavras. Que ao expormos nossas práticas possamos ser capazes de nos reconhecermos à medida que “aceito tu pelo simples fato de ser quem és”. Por fim, que sejamos capazes de refletirmos a importância da Pedagogia da Hospitalidade e do *ethos* docente estarem presentes no cotidiano escolar para que criemos relações pautadas no acolhimento, no rosto e na valorização do outro.

Bibliografia

- Agência Brasil (2021). *Censo Escolar 2020 aponta redução de matrículas no ensino básico*. Recuperado de: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-01/censo-escolar-2020-aponta-reducao-de-matriculas-no-ensino-basico>
- Agência IBGE Notícias. (2018). *IBGE apresenta panorama da urbanização no Brasil*. Recuperado de: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21494-ibge-apresenta-panorama-da-urbanizacao-no-brasil>
- Alheit, P. & Dausien, B. (2006). Processo de formação e aprendizagem ao longo da vida. *Educação & Pedagogia*, 32 (1), 177 – 197. doi: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000100011>
- Alves, N. (2021). Docentes Praticantes Pensantes nos Cotidianos. Aula. [Aula Inaugural 2021.1 – Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro]. Recuperado em: <https://www.youtube.com/watch?v=tu9As4SIEy0>
- Amado, J., Freire, I., Carvalho, E. & André, M.J. (2009). O lugar da afetividade na Relação Pedagógica. Contributos para a Formação de Professores. *Sísifo/ Revista de Ciências da Educação*, (8), 75-86. Recuperado de <http://sisifo.ie.ulisboa.pt/index.php/sisifo/article/view/135/227>
- Azevedo, J. (2007). (Ano 1). Aprendizagem ao longo da vida e regulação sociocomunitária da educação. *Cadernos da Pedagogia Social*, (1), 7-40. doi: <https://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2007.1909>
- Azevedo, J.. (2010). Como Construir uma escola de qualidade para todos, onde se aprenda melhor? *Projecto Fênix – Mais sucesso para todos Memórias e dinâmicas de construção do sucesso escolar*, Faculdade de Educação e Psicologia da universidade Católica. ISBN 978-989-96186-1-9. p. 13-30, Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10400.14/3099>
- Baptista, I.. (2005a). *Dar rosto ao futuro: A educação como compromisso ético*. Porto: Profedições.
- Baptista, I.. (2005b). (Ano 2). Para uma geografia da proximidade humana. *Revista Hospitalidade*, 2 (2), 11-22, São Paulo, 2º semestre de 2005. Recuperado de: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/219/235>
- Baptista, I.. (2005c). Educação, Cidadania e Transcendência. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, (4), 101-109. doi: <http://dx.doi.org/10.34632/investigacaoeducacional.2005.3224>

- Baptista, I.. (2006). Para uma pedagogia de proximidade humana: a educação no coração das comunidades. In *Jornadas Internacionais de Animação Sociocultural*, III, Chaves, Portugal, 23-25 Março, 2006. PERES, Américo Nunes; LOPES, Marcelino de Sousa (coords.) – Animação, Cidadania e Participação. [Chaves]: Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia, 2006. ISBN 972-99943-0-7. p. 243-248. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10400.14/13009>
- Baptista, I.. (2007a). (Ano 1). Políticas de alteridade e cidadania solidária -as perguntas da Pedagogia Social. *Cadernos da Pedagogia Social*, (1), 135-151. doi: <https://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2007.1909>
- Baptista, I.. (2007b). *Capacidade ética e desejo metafísico: uma interpelação à razão pedagógica*. Porto: Afrontamento.
- Baptista, I.. (2008a). Pedagogia Social: Uma ciência, um saber profissional, uma filosofia da acção. *Cadernos da Pedagogia Social*, (2), 7-30. doi: <https://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2008.1922>
- Baptista, I.. (2008b). (Ano V). Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares. *Revista Hospitalidade*, 5(2). ISSN 1807-975X. 5-14. Recuperado de: <https://www.revosp.org/hospitalidade/article/viewFile/150/175#:~:text=Associado%20%C3%A0%20experi%C3%Aancia%20de%20elei%C3%A7%C3%A3o,apertado%20atrav%C3%A9s%20da%20responsabilidade%20moral>.
- Baptista, I.. (2009). Educabilidade e laço Social – ética e política de alteridade. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*. ISSN: 1645-4006. Nº Especial- Actas da Conferência (2009), p. 15-29. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10400.14/11636>
- Baptista, I.. (2015). Educação e políticas sociais – valores, conceitos e práticas. *Laplage em Revista*, 1(1), 9-16. doi: <http://dx.doi.org/10.24115/S2446-62202015111p.9-16>
- Baptista, I.. (2016a). Para uma fundamentação antropológica e ética da educação: a escola como lugar de hospitalidade. *EDUCA – Internacional Catholic Journal Of Education*, ISSN 2183-5136. N.º 2 (2016), p. 203-214. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10400.14/22463>
- Baptista, I.. (2016b). Ética, Filosofia e autoridade pedagógica. A.J. Severino, M.A. Lorieri, S. Gallo (orgs.) O Papel Formativo da Filosofia. (Cap.3) (33-44). Jundial Sp: Paco Editorial. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10400.14/22650>
- Baptista, I.. (2017a). Ética do Rosto e profissionalidade docente. In: Ariane Franco Lopes Silva; Lísia Regina Ferreira; Romilda Teodora Ens, (Orgs.), *Políticas de Expensão Universitárias: Reflexões sobre a vida acadêmica*, 145-159, PUCPress.

- Baptista, I.. (2017b). Investigar em Pedagogia Social: Razões, Oportunidades e Desafios. *Revista Trama Interdisciplinar*, 1(8), p.18-25
- Baptista, I.. (2018). O professor é um decisor em relação e em situação. *Entrevista ao Educatio*. Recuperado de: <https://medium.com/educatio-madeira/isabel-baptista-8508dfb11159>
- Bastos, S. R., Rameh, L. M., & Bitelli, F. M. (2017). Dimensões da hospitalidade em Derrida: um estudo exploratório no Portal de Periódicos CAPES. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1(27/28), 193-203. e-ISSN 2182-1453. Recuperado de: <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/8395/5945>
- Bíblia. (2004). Português. *Bíblia Sagrada* (8a. ed.). Tradução de Domingos Zamangna et al. Petrópolis: Vozes.
- Bueno, M.S. (2016). O desafio da hospitalidade. *Revista da Hospitalidade*, 13(1), p. 4-7. Recuperado de: <https://revhosp.org/hospitalidade/article/view/671>
- Cachada, F. & Costa, A. (2007). Aprender na e com a escola, preservando na esperança. *Cadernos de Pedagogia Social*, (1), 41-49. doi: <https://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2007.1909>
- Camargo, R.S. & Sogayar, R.L. (2010). A palavra como dimensão da dádiva. *VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, Universidade Anhembi-Morumbi*, São Paulo, 1-13. Recuperado de: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/7/20.pdf>
- Campolina, L. de O. & De O., M.C.S.L. (2009). Cultura escolar e práticas sociais: episódios cotidianos da vida escolar e a transição para a adolescência. *Educação e Pesquisa*, 35(2), 369-380. Recuperado de: <https://www.scielo.br/i/ep/a/NN3vs8Y549j7dncT6zvp94n/?lang=pt&format=pdf>
- Cavichioli, R.G.C. (2010). Sociedade do Conhecimento: A educação como pilar. *Revista de Educação*, 13(15), 141-154. Recuperado de: <https://seer.pgskroton.com/educ/article/view/1871>
- Clandinin, D. J. & Connely, F. M. (2011). *Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU.

Certeau, M. (2007). *A Invenção do Cotidiano* (13ª.ed.). Vozes: Petrópolis.

Comandulli, S.P.E. (2015). A ética da hospitalidade no reconhecimento do outro. *Roda Conversações sobre Hospitalidade, 8º Semitur, 1º Hospitalidade em Colóquio Pesquisa e Ensino*, 74-79. Recuperado de: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/roda_hospitalidade.pdf#page=3

Conselho Nacional de Educação (2002). CNE/CP Nº 1, de 18 de fevereiro de 2002. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Despacho do Ministro em 17/1/2002, publicado no Diário Oficial da União de 18/1/2002, Seção 1, p. 31. Recuperado de: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>

Constituição da República Federativa do Brasil. (1988). Brasil. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Couto, M. J. (2015). (Edição Especial). Hospitalidade e subjetividade – Identidades Tecidas na Contingência. *Revista Cadernos da Pedagogia Social. Hospitalidade, Educação e Turismo*, 17-24. doi: <https://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2015.1959>

David, S. (2018). *Agilidade Emocional Abra sua Mente, Aceite as Mudanças e Prospere no Trabalho e na Vida*. Tradução Claudia Gerpe Duarte Eduardo Gerpe Duarte. Cultrix: São Paulo.

Dassoler, O.B. & Lima, D.M.S (2012). A formação e a profissionalização docente: características, ousadia e saberes. *IX ANPEDSUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*, 1-11. Recuperado de: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3171/522>

Deleuze, G. (1980). *Não somos pessoas, somos acontecimentos*. Aula. [Aula Universidade de Vincennes]. Paris: França. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=1CpsFZUBkO8>

Delors, J. (2010). *Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Recuperado de: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por

- Derrida, J. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta.
- Ferraço, C. E. & Carvalho, J. M. (2012). Currículo, Cotidiano e conversações. *Revista E-curriculum*, 9(2), 1-17. Recuperado de: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/10985>
- Ferreira, A.V. (2020a). Pedagogia da Hospitalidade como lugar de escuta da educação não escolar. In: Arthur Vianna Ferreira (Org.), *Hospitalidade na educação por uma pedagogia do cuidado, do amparo e da orientação na educação social*, 13-58, Autografia.
- Ferreira, A.V. (2020b). Hospitalidade pode ser pensado em lugar de prática educativa não escolar? Recuperado de: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/hospitalidade-pode-ser-pensado-em-lugar-de-pratica-educativa-nao-escolar/>
- Freire, P.. (2000a). *Pedagogia do Oprimido*. (29ª Edição). Paz e Terra.
- Freire, P.. (2000b). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP.
- Freitas, S.A., Teno, N.A.C & Barboza, S. N. R. De O. (2016). A concepção de aula como um acontecimento e as práticas de multiletramento: um discurso pedagógico polêmico. Recuperado de: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ngVTGZ1U8ikJ:https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6172642.pdf+&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>
- Gadotti, M.. (2012). Educação Popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *Revista Diálogos*, 18(2), 1-36.
- Gadotti, M.. (2016). Educação Popular e Educação ao longo da Vida. *Seminário: "Atuação e desafios para a construção de "outra educação para outro modelo civilizatório"*. Recuperado de: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Educacao_Popular_e_ELIV_Gadotti.pdf
- Gomes, M.P.. (2005). Memórias e histórias: Cenas do cotidiano docente. *Revista Linhas*, 6(1), 1-14. Recuperado de: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1253>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Recuperado de: <https://www.ibge.gov.br/pt/inicio.html>

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Recuperado de: <https://www.gov.br/inep/pt-br>

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2010). *Estudo mostra a situação do professor brasileiro*. Recuperado de: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/outros/estudo-mostra-situacao-do-professor-brasileiro>

Kops, D. (2011). Intervalo para hospitalidade: Uma leitura pedagógica. Recuperado de: <https://ibhe.com.br/wp-content/uploads/2020/09/artigo-intervalo-para-a-hospitalidade-uma-leitura-pedagogica-2014-darci-kops55ce1c0d0c1a2.pdf>

Larrosa, J.B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19), p.20-28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei Nº 9.394. (1996). (4ª Edição). Brasil. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

Leite, M.J. (2019). (Verão de 2019). A escola como ferramenta de transformação social. *A página da educação*.

Lenoir, Y. (2006). Pesquisar e formar: repensar o lugar e a função da prática de ensino. *Educação & Sociedade*, n.27(97), 1299-1325. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/es/a/C4FhBvDd9YJSj6YHbMpZXDt/?lang=pt&format=pdf>

Lima, M. E.C. de, Geraldi, C.M.G. & Geraldi, J. W. (2015). O trabalho com narrativas na investigação em educação. *Educação em Revista*, n.31(01), 17-44. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-4698130280>

Lima, S.D de (2017). Narrativas Escritas: O que ‘narram’ as formandas de pedagogia sobre as suas aprendizagens cerca das infâncias durante a graduação. *Revista Reflexão e Ação*, 25(3), 237-255. doi: <http://dx.doi.org/10.17058/rea.v25i3.9728>

- Lopes, A. (2018). (Inverno de 2018). O professor entusiasma, resgata, traz outros mundos ao mundo. *A página da educação*, (212), 8-9.
- Melo, P.G.R. (2014). *Pedagogia da Hospitalidade como base no pressuposto da alteridade* [Dissertação publicada]. Universidade Católica de Brasília. Recuperado de: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/789>
- Miranda, J.V.A. (2016). Ética da alteridade e o paradoxo da hospitalidade ao outro na educação. *Conjectura: Filos. Educ.*,21(2), 406-419. Recuperado de: http://ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/4104/pdf_590
- Nadal, B.G..(2007). *Cultura escolar: Um olhar sobre a vida na escola* [Tese publicada]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Recuperado de: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/10060>
- Nascimento, M.I.M.. (2011). A centralidade da educação escolar na sociedade contemporânea. *Revista HISTEDBR On-line*, n.41, p.102-113. doi: <https://doi.org/10.20396/rho.v11i41.8639838>
- Nóvoa, A. (1999). Os professores na virada do milénio: do excesso do discurso à pobreza das práticas. *Educação & Pesquisa*, 25(1), 1-15. doi:<https://doi.org/10.1590/S1517-97021999000100002>
- Nóvoa, A.. (2019). Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. *Educação & Realidade*, 44(3), 1-15. doi: <https://doi.org/10.1590/2175-623684910>
- Nunes, I.M.P.. (2011). *Aprendizagem escolar e a pedagogia social o papel do director de turma* [Dissertação publicada]. Universidade Católica Portuguesa – Porto. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10400.14/8273>
- O correio da UNESCO (2018). Educação: em busca de uma utopia necessária. *O correio da UNESCO*, (10). Recuperado de: <https://pt.unesco.org/courier/2018-1>
- Oliveira, A.C.R.M.de (2015). Pedagogia da hospitalidade: Uma experiência em sala de aula. *Roda Conversações sobre Hospitalidade, 8º Semitur, 1º Hospitalidade em Colóquio Pesquisa e Ensino*, 74-79. Recuperado de: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/roda_hospitalidade.pdf#page=74

- Oliveira, C.Z. & Bulhões, J. (2012). Memória docente como parte da formação profissional. *Acta Semiótica et Linguística*, 17(2), 65-79. Recuperado de: [https://www.researchgate.net/profile/Celia-Zeri-De-Oliveira/publication/336234866 MEMORIA DOCENTE COMO PARTE DA FORMACAO_PROFSSIONAL_TEACHING_MEMORIES_AS_PART_OF_THE_PROFESSIONAL_TEACHER_E_DUCATION/links/5d95e6d4299bf1c363f3f570/MEMORIA-DOCENTE-COMO-PARTE-DA-FORMACAO-PROFISSIONAL-TEACHING-MEMORIES-AS-PART-OF-THE-PROFESSIONAL-TEACHER-EDUCATION.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Celia-Zeri-De-Oliveira/publication/336234866_MEMORIA_DOCENTE_COMO PARTE DA FORMACAO_PROFSSIONAL_TEACHING_MEMORIES_AS_PART_OF_THE_PROFESSIONAL_TEACHER_E_DUCATION/links/5d95e6d4299bf1c363f3f570/MEMORIA-DOCENTE-COMO-PARTE-DA-FORMACAO-PROFISSIONAL-TEACHING-MEMORIES-AS-PART-OF-THE-PROFESSIONAL-TEACHER-EDUCATION.pdf)
- Oliveira, I.B. de (2007). Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. *Educação & Sociedade*, n. 28(98), 47-72. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000100004>
- Oliveira, I.B de (s/d). Narrativas docentes e currículos pensados/praticados: pensar, escrever e compreender práticas cotidianas. *Didática e Prática de Ensino na relação com a Escola: EdUECE – Livro 1*, p.02873-02883.
- Oliveira, L.D.G.C. (2017). Pesquisa Narrativa e Educação: algumas considerações. *Formação de professores: contextos, sentidos e práticas, IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação (SIRSSE), XIII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE), VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente (SIPD/CÁTEDRA UNESCO)*, 12146 -12159. Recuperado de: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23688_11993.pdf
- Organização das Nações Unidas (1948). Declaração Universal dos Direitos Humanos. Recuperado de: <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>
- O Sul. (2020). *Com a mudança de classificação, o IBGE passou a identificar 15 cidades como principais centros urbanos no Brasil*. Recuperado de: <https://www.osul.com.br/com-a-mudanca-de-classificacao-o-ibge-passou-a-identificar-15-cidades-como-principais-centros-urbanos-no-brasil/>
- Portal da Indústria. (n.d.) *Entenda a economia do Brasil, seu contexto, atualidades e perspectiva*. Recuperado de: <http://www.portaldaindustria.com.br/industria-de-a-z/economia/>

Rego, A.M.X. (2018). Educação: concepções e modalidades. *Scientia Cumindustria*, n. 6(1), 38-47. Recuperado de: <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/scientiacumindustria/article/viewFile/5844/pdf>

Reis, L.R. dos (2018). A educação como arte dos encontros. *Revista Teias*, 19(59): Estudos da infância – diálogos contemporâneos, 316-331. doi: <https://doi.org/10.12957/teias.2018.31206>

Rodrigues, T. De O.S. & Ferreira, V.M.F. (2020). (Ano 05) A construção da identidade do pedagogo: um processo que começa antes do ofício. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do conhecimento*, 12(08), 144 – 162. doi: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/pedagogia/identidade-do-pedagogo

Rossi, M. (2010). *Ágape*. São Paulo: Globo

Sabino, F. (1981). *O Encontro Marcado*. Rio de Janeiro: Record.

Sassi, F., Montoro, F.C.F., Bariviera, J. & Brescia, S. R. (2018). (Ano 3) Contribuições da teoria do apego no contexto escolar. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, (06), 05-28. doi: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/pedagogia/contexto-escolar

Serpa, A. (2010). *Quem são os outros na/da avaliação?* [Tese publicada]. Universidade Federal Fluminense (UFF). Recuperado de: <http://www.andreaserpauuff.com.br/arquivos/disciplinas/alfabetizacao/teseandrea.pdf>

Serpa, A. (n.d). *Conversas: caminhos da pesquisa com o cotidiano*. Recuperado de: <http://www.andreaserpauuff.com.br/arquivos/artigos/CONVERSAS%20CAMINHOS%20A%20PESQUISA%20COM%20O%20COTIDIANO.pdf>

Silva, F. de C.T. (2006). Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. *Educar*, (2), 201-216. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000200013>

Silva, T.R. da (2014). *Pensamento, diálogo e formação de professores: a documentação narrativa de experiências pedagógicas no GEPPAN* [Dissertação publicada]. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). Recuperado de: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11665/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20PPGEdu%20-%20Tiago%20Ribeiro%20da%20Silva.pdf?sequence=1>

- Síveres, L. & Melo, P.G.R. de (2012). A pedagogia da hospitalidade a partir da filosofia da alteridade em Levinas. *Conjectura*, 17(3), 34-48. Recuperado de: <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/1795>
- Sogayar, R. & Rejowski, M. (2011). Abordaje teórico-conceptual de la hospitalidad y sus contribuciones a la educación superior en turismo. *Estudios y perspectivas en Turismo*, n. 20(6), 1464-1482. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/1807/180722700013.pdf>
- Sogayar, R. (2020). *Eu sou porque tu és: contributos para uma formação de professores de ensino superior pautada na hospitalidade* [Tese publicada]. Universidade Anhembi Morumbi.
- Strange, M. & Lundberg, A. (2014). Educacion as Hospitality. *Peace Review: A journal of social.* Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/263287568_Education_as_Hospitality
- Shinyashiki, E. (2014). Educação: O poder de transformar vidas. Por Catho Comunicação. *Carreira & Sucesso*. Recuperado de: <https://www.catho.com.br/carreira-sucesso/colunistas/eduardo-shinyashiki/educacao-o-poder-de-transformar-vidas/>
- Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (2014). Carta Ética. Recuperado de: <http://www.spce.org.pt/PDF/CARTAETICA.pdf>
- Wittizorecki, E.S., Bossle, F., Silva, L.O. e, Günther, M.C.C, Santos, M.V.dos, Sanchotene, M.U., Molina, R.K., Diehl, V.R.O., Neto, V.M. (2006) Pesquisa exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador(a). *Movimento*, 12(02), 09-33. doi: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2904>
- Universidade Católica Portuguesa (2015). Código de Ética e de Conduta da Universidade Católica Portuguesa. Recuperado de: <https://fch.lisboa.ucp.pt/asset/1726/file>
- United Nations International Children's Emergency Fund (1990). Declaração Mundial sobre a Educação para Todos. Recuperado de: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>

Anexos

Anexo 1 – Consentimento Livre e Informado

Pedagogia da Hospitalidade e Ethos Docente: um estudo sobre as narrativas docentes – investigação realizada sob o enquadramento da Universidade Católica Portuguesa, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação – Pedagogia Social.

Agradecendo desde já sua preciosa participação, informo que todos os dados coletados através da entrevista serão analisados, tratados e arquivados de maneira anônima e sigilosa. Entretanto, poderá desistir da sua participação, se e quando achar pertinente.

Na ocorrência de dúvidas, de questões ou de esclarecimentos complementares, poderá contactar diretamente a autora do estudo - Tamíris Pereira (tamirislpereira@gmail.com).

Eu, _____ (nome completo e legível), declaro que li, compreendi o texto acima, esclareci as minhas dúvidas e aceito contribuir para a investigação mencionada de forma voluntária.

(Assinatura Legível)

MUITO OBRIGADA pelo seu contributo.

Tamíris Pereira

Anexo 2 – Guião enviado aos(as) docentes após conversa prévia

Pedagogia da Hospitalidade e Ethos Docente: um estudo sobre as narrativas docentes – investigação realizada sob o enquadramento da Universidade Católica Portuguesa, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação – Pedagogia Social.

Agradecendo, uma vez mais, a sua preciosa colaboração, peço que responda, de forma breve, às seguintes questões, tendo por base a sua experiência como docente.

Idade:

Formação:

Etapa da Educação Básica que atua:

Tempo de docência:

- A. Recorde um professor(a) que o/a tenha lhe marcado de modo especial (positivamente ou negativamente) e escolha 3 palavras para descrever essa “marca”. Justifique a razão da escolha.
- B. Recorde um aluno(a) que o/a tenha lhe marcado de modo especial (positivamente ou negativamente) e escolha 3 palavras para descrever essa “marca”. Justifique a razão da escolha.
- C. Se lhe fosse dada formação docente numa das áreas indicadas abaixo, qual delas escolheria? Justifique a razão da escolha.

Formação 1 – “Pedagogia da Hospitalidade”

Formação 2 – Relação Pedagógica

Formação 3 – “Autoridade pedagógica e relação colegial”

Formação 4 – Identidade Profissional Docente

OBSERVAÇÕES FINAIS: (Opcional)